

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

A DIFICULDADE

C'est la difficulté qui nous donne la conscience de notre moi culturel.

BACHELARD

L'*art* consiste à ne pas lâcher le théâtre tout en le pulvérifiant par la négativité de la transgression. C'est même la seule façon de le transgresser, et on peut mesurer, par la *difficulté* qu'il y a à maintenir la fonction symbolique sous l'assaut de la négativité, le risque que représente la pratique du texte pour le sujet.

JULIA KRISTEVA

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

A DIFICULDADE

APROXIMAÇÕES

Falho na promessa de não mais escrever poesia.
Mas os dias passam como sentidos perdidos de batalhas
e a angústia cresce, estranha flor que pede água e amor.
Por isso retomo os instrumentos do sonho e da imaginação,
esqueço tudo o que escrevi até hoje e recomeço ingenuamente
o discurso que pensava interrompido para sempre.
Não posso viver sem palavras, para quê iludir-me?
Aqui estou. Mais uma vez. Sinceramente perplexo e ávido,
tentando colmatar essa aparência de vazio que chama,
impossibilitado talvez de atingir o âmago de mim mesmo,
feliz por me reencontrar um alvo e uma força e um desafio.
Tenho vivido estes últimos meses como um homem sozinho
que se inventa um passado e um futuro, capaz de evitar
a pergunta que o presente transmite à penumbra e ao vento,
incapaz contudo de se negar um corpo que anseia explosão.
Triste é que a mulher esteja ausente ou perdida.
Lembro na complexidade furibunda da memória o brilho
de um amplexo como só eu o sei viver, ouço as palavras
que a feminilidade cria para atiçar no homem o cio,
sofro como um devasso a imaginação desenfreada da juventude.
Certo é que estou só, longe de tudo o que amei,
buscando ao silêncio da solidão uma razão perfeita
que me dê a ilusão de ainda estar vivo, mas estremeço
por não achar no redor dito humano uma comunicação possível.
As mulheres desapareceram ou, demasiado jovens, pretendem
uma outra aventura que ignoro, passam por mim e não me olham,
estarrecido fico na velha expectativa que não alcança.
Frente ao espelho devolvo a velhice do meu corpo:
só eu sei quanto de mim é mais jovem e recente que o mundo,
só eu retenho este segredo que me torna impuro!
Como chegar à mulher? Que palavras devo proferir,
que conversa terei que construir para me mostrar como sou,
um homem perdido na idade que a sociedade degenerou,
lutando para sobreviver dentro da carne quente,
como um forçado ou um possesso, um doente de saúde viva.
Tudo me surge mesquinho e impessoal: cada coisa jaz
no fluxo de coisas que coincidem com a realidade de hoje,
eu derivo como um naufrágio vencido pelos ventos,
sabendo contudo onde está o meu mal e sem poder resolvê-lo.

Indeciso como aquele que dá os primeiros passos
escrevo certas palavras que com o tempo ganharam
um peso decisivo na poética que mitologicamente
vou criando, exultando de amor e de disponibilidade,
capaz de sentir o que ainda ontem parecia impossível,
tanto o desejo de povoar a terra de sensibilidade
e de transparência, dorido espelho da experiência!

Molhei-me nas águas da demência para provar o fio
de luz que galvaniza a terra e o futuro do homem,
sujei-me no lodo puríssimo que só o passado odeia,
lavei-me depois para nu sentir o sol que queima.

Verão é uma estadia, uma viagem, um sonho abandonado
na berma de um caminho, a simpatia pelos humanos,
a filosofia que calcorreia ambivalentes sentidos,
o final amor que se alicerça nos escombros do ódio.

Estou cada vez mais isento de culpa, jovem folha
de um livro escrito pelo acaso e pelo destino,
brancura que desafia o martírio e o sacrifício vão.

Os olhos que me vêem só vêem um corpo que marcha,
não o esplendor derrotado de um sonho que norteia,
nem as fibras de uma epopeia que se desmente
para que a hora de hoje seja uma descoberta nova.

Poucos me conhecem: sou vago e vogó como um raio
através dos percalços da vida e do século vadio,
em nada toco quando toco, tudo retém de mim a luta
que arquitecto no redemoinho de uma sensibilidade,
ainda posso encontrar os vestígios da minha pessoa
nas almas que comunicaram comigo esperanças e dor.
Desconheço que desastre me espera, que caminho fere
a ânsia de me deslocar e de viver o outro, imagem
de uma desolação que estarrecida enfrenta o vazio
e teima engendrar húmus e flores, para que tudo seja!

Um amor orgânico no plexo da contemporaneidade.
Uma voz reflectindo as vicissitudes e os vícios,
um apelo que irrompe do nada para se erigir força,
este estrénuo prazer quando escrevo a maldição
e a necessidade de escrever as palavras traiçoeiras.

Sem dúvida há uma estrada e companheiros solitários
que amam a aventura e se abrem frente à morte amena.
Por isso aqui estou e digo que a vida não acabou.

Quero sobretudo dizer quanto me é difícil ir mais longe.
Mais longe, isto é, mais dentro de mim mesmo homem vivo.
As palavras batem à porta imaginária de um fundo do poço,
tocam de leve o mistério e as aparências de sentido,
mas não atingem esse ponto luz e explosão e segredo,
incapazes de dizerem o inefável que sinto e penso e crio.
Todos os meus poemas são rodeios em torno desse nó coeso,
infatigável calcorrear que converge sem atenuar a distância,
como um delírio que jamais se alcança na vigília desperta,
uma intensidade de alma que não traz desastre nem fome.
Daí o travo pustulento do falhanço, a perpétua busca.
Mas dizer o contorno do enigma é uma tarefa maldita,
como uma necessidade de morte ou de vida puríssima,
um desejo de comer a visão que encerra ilímite e fora,
uma fuga aos problemas que enxameiam a mediocridade.
Mas não vou mais longe. Aceno cadivos impasses do saber,
arvoro uma sageza que me mente, despeço a irrigação salubre,
perplexo por não abandonar a pesquisa que me leva ao nada.
Não por ser teimoso ou tímido ou mesmo desmedido:
quero paz na minha existência desbaratada pelo incêndio
de uma juventude que a terra e o mundo não reconhecem,
quero o amor de mulheres que me saibam amar sem amor,
quero o fulcro da explosão que abre fendas na alma:
coito, clama o meu espírito subjugado pela carne quente.
Há, ou deve haver, um estranho fio ligando essa procura
de absoluto ao anelo veemente de me esvaziar no ventre
de uma mulher apaixonada pelo calor que a terra inebria.
Digo isso porque incessantemente as palavras me arrastam
benevolamente para a junção do mistério e da perdição,
pensando que não minto quando penso escusado o brilho
que se dispersa em redor do fogo, metáfora do presente.
Claro que me sinto fortuitamente miserável por não poder
organizar eu mesmo o universo, as suas leis e os seus caos,
certo é que não posso suportar a ideia que vou morrer,
tanto me sinto ligado ao quimérico efémero do tempo!
Que fazer? Mas mesmo essa pergunta se me afigura inútil:
uma só coisa a fazer: continuar a busca afanosamente
em redor do inusitado alvor do ponto que chama e foge,
destino na forja do inclemente desejo de verdade pura.

Solevado pelo espírito da incoerência tento pôr fim
ao deflagrar da batalha que travo contra a minha carne,
sinto a dor da solidão como um punhal metafórico e rico
de nuanças, penso as frases que devo escrever agora
para permanecer vivo e disponível, a velha clareira
dos meus sonhos jovens, lembro-me, subitamente, clarão
de um impensável desejo que não se nega a consciência,
lembro e caio num choro que me arrasta ao sentido último
da viagem que idealizo no contacto com a mediocridade,
prever o futuro é uma tarefa que aborreço e desmereço,
amar o presente não ultrapassa a ideia que se tem dele,
como pois assumir o destino sem a música e sem o fim?

Fecho os olhos e desligo-me da terra: Tragédia. Olhar
fito no espelho, um medo que se enclavinha nos dedos,
um frio de destino mal suportado ou desmedidamente
ignorante das forças que galvanizam o homem que sonha,
esta entidade impossível hoje de ser sentida essência.
Abro os olhos e admirado vejo o espanto dos outros
no olhar quotidiano que desmente drama e comédia,
esse olhar vazio de quem é feliz e sabe o preço carnal.
Saio de casa e assisto ao espectáculo de um tempo
que se vive nas modas e nas maneiras actuais de pensar,
falo com os companheiros antigos que a juventude amou,
ei-los longe e tão ressequidos pela incompreensão,
imperfeitos numa sensibilidade que não se ultrapassou,
velhos como as gerações de pais e avós que desprezam.
Entro em casa eu próprio desfeito pela contemplação,
deito-me sobre uma cama vacante e fixo no tecto o olhar
cansado de ver miséria e desolação no coração dos homens,
procuro o consolo da música e tento adormecer a náusea
que me nasce e cresce como um cogumelo historicamente datado.

E aqui estou, preso à sofreguidão cognoscível, capturando
o sentido de tudo ser tudo e de um homem como eu
não poder nem saber viver a vida que as leis oferecem,
pasto para a falência da inteligência, rebotalho anímico
incapaz de sair do embotamento físico ou espiritual,
canga de um suor espúrio que os tempos não sabem lavar.

Da minha impossibilidade de juntar duas palavras férteis.
De seguir um pensamento calmo. A ânsia a coarctar a limpidez
exigida ao poema que se quer uma imagem das contradições
que enxameiam a vida contemporânea. Cada verso despede-se
do simulacro normal que faz da poesia uma arte importante
para surgir um vulcão de desmedida e de desencanto nefasto.
Chego pois à conclusão que sou um mau artífice do imaginário.

Mas como evitar este insuportável apelo que não é demência,
esta estúpida necessidade de me extravasar em poemas natos,
este turbilhão de desejos inconfessados e prazeres vulgares?
Escrever como o faço é uma aventura quase quotidiana.
Talvez uma maneira de gastar por dentro o suicídio trágico.
Mas o resultado do encontro da luz com o homem salda-se
pelo falhanço irresponsável, o esgar diluído, a náusea solta.

Quisera saber escrever sobre outras coisas: os passos humanos
que imprimo na crosta terrestre, as anedotas de todos os dias,
as falas que debito na casual conversa com um amigo isento.
Os amores, esplendores de horas vividas na explosão do cerne,
os ódios tumefactos que desvirtuam a essência e o absoluto,
os problemas ditos metafísicos que me chamam a atenção,
as vicissitudes que preenchem o tempo e me levam ao túmulo.

Penso que o faço quando escrevo completamente distraído do real;
depois, ao ler as páginas divinas que o humano gesto do poeta
incendiou de raiva ou de fé, reconheço que não fui exacto,
nem me debrucei sobre o essencial que é a vida sentida una
no roldão das aparências e nos fluxos de seiva anímica que sobe
e desce e desliza nos caminhos possíveis de um pensamento ágil.

Prometo a mim mesmo acabar com o suplício de uma escrita impura,
guardo selvaticamente os papéis imaculados que esperam ousadia,
afasto-me das letras e do alfabeto que ondula e brilha e clama,
saio de mim para viver o quotidiano no esquecimento e na droga.
Mas eis que pouco a pouco eclode uma sombra, uma angústia,
uma necessidade carnal de fixar no indelével papel branco
a alma e o corpo e o espírito como só eu posso vivê-los,
e mais uma vez recomeço o crime de não me abandonar para sempre.

Nada de preciso e no entanto esta cegueira de sentidos que se precipitam sobre mim papel branco de um livro futuro, e a consequente tentativa de coordenação e de ordem harmónica para que o todo surja digno de um alvoroço estético no homem. A vida, o nascimento e o decesso, a esperança como a desilusão: material monótono com que se faz a epopeia lírica do moderno, repetindo os mesmos passos e desvirtuando a origem essencial que foi um desejo ou uma necessidade, mola para o impensável. Escrevo trabalhado pelo destino que me forjou uma consciência apta a restaurar as vicissitudes que o século engendra histórica, faço admiravelmente restrito a música das palavras temerárias, com os ritmos do corpo que exulta no suor de uma carne sacrílega e predisposta ao vício de um amor como a terra nunca viu. Por isso sei quanto do que escrevo retém do mistério antigo que instituía nos homens a demência de horizontes impossíveis, por isso percebo o medo daqueles que não estão preparados para me lerem nem para sentirem o irresistível do apelo: há um limite humano que prende e não deixa a ousadia actuar. Mas não importa. O barco que me leva não é nenhum barco metafórico, nem sequer uma ideia ou imagem, mas o profundo mergulhar do sentido que se procura no roldão de sensações e percepções e pareceres, um redemoinho de lava anímica para aqueles que não sabem viver, uma viscosidade onde o sangue impera e dá o tom do visceral. Aí edifico a intransmissível necessidade de um reino louvável, aí vivo desfeito no pranto e na alegria e no gozo e no rebotalho, vivido por fora o que de mundo é fora e tão pouco para mim, intuído por dentro o enigma de uma força maior do que a vida. Falo-te da música verdadeira, a dos sentidos despertos e feridos, na sensibilidade aguda de uma inteligência que assiste e cria, capaz de inventar o paraíso no tumulto do mundo devorado: o crime.

Não a outra lei. Mas a ausência definitiva da lei: o desejo. A vontade benigna de construir uma felicidade humana sem poder, um quotidiano digno dos olhos que o vivem, onde surja a beleza e um orgulho másculo e eterno, no domínio da afectividade louca como no terreno propício da intelecção consumada com amor. Um outro mundo. Não só ideia nem tão-pouco uma materialidade, mas o lugar da harmonia como liberdade onde tudo reflecte tudo.

20/8/76

A escrita que humaniza é feita de desvios e de alçapões,
uma inteligível pasta de mediocridade que se ultrapassa
ao contacto do sublime desprezo pela arte como já foi.
Daí o medo sincero que me aflige, porque sou eu o construtor
desta evidente odisseia: dizer o impossível com palavras
de homem e de terra, cristalizadas pela história dos povos,
velhas como a negação do sonho, tão imperfeitas no insertido!

Com as palavras forjo ritmos apenas perceptíveis,
ouso desvirtuar a ideia que se faz da poesia contemporânea,
pois o meu fim é o eterno de não haver tempo nem espaço,
mas pura impureza, a do homem corpo e alma na razão do espírito,
palpitá-la de necessidades e de desejos na batalha da esperança.

Quem sou não interessa. Aquele que escreve é uma consciência
assinalada na carne que devora a carne e come e defeca e mijá,
aquele que vive o minuto é uma intransigência que a história
não sabe nem pode conter, um inferno no paraíso forçado da ideia,
uma acalmia depois da tempestade que derrotou a natureza amiga.
E o que se escreve nestas páginas não é um vulgar testemunho
do que algures engendra o olhar limitador que faz a necessidade,
é a própria e real vivência de uma verdade nascida no século,
a única desrazão povoada pela inclemência do sonho e do martírio.
Daí pois a importância do escrito como motor e alma ou cerne.

Ler-me é mais do que o acto fictício de quem junta as palavras,
ultrapassa de longe a totalidade de um sentido inexistente,
instiga o crítico olhar de quem lê, para que a escrita se leia.
Por isso tenho todo o cuidado em não perturbar a memória
com os factos que tecem a vida de todos os dias na sociedade,
de não empanturrar os livros com os acontecimentos anímicos
que explodem na sensibilidade do homem perdido na afectividade.
Outro é o alvo: dar, se possível, e isso depende de cada leitor,
um sentido imponderável e divinatório de uma existência real
que se fabrica de nadas e se ilude na plenitude de tudo ser,
com ou sem desmaios da consciência, com ou sem desastres leves,
no simulacro como na similitude, na pujança como na debilidade.
Mas para que a leitura resulte é preciso uma total negação
do já visto como ideia que se tem da realidade circundante:
acalenta-se a novidade e teme-se em suores o sortilégio revelado.

20/8/76

Vem como um raio até mim a tentação de sair da poesia
para escrever na tessitura do real os pensamentos e actos
que me geram homem deste tempo tão dessangrado e estéril,
vem como um absurdo apelo de calma e esperança, um gesto
onde se poderia pôr todo o esplendor de uma tragédia gasta.
Estou em casa, é manhã, o sol desertou a superfície da terra,
veio a chuva tão apetecida lamber o pó e a areia quente,
paira agora sobre mim um vapor que sobe e dói-me a cabeça.
Ontem, ao sair solitário do café, suportei a criação selvagem
de poemas ou fragmentos de versos e frases, palavras sibilinas
que em vez de corromperem o presente, se alinhavam como a ordem
na explosão de ancestrais sendas e sentidos, a sensibilidade!

Hoje sou um homem trágico e não venho de nenhuma parte.
Jaz insepulto na memória o passado de irrigários gestos,
o presente entra em mim como uma confusão de calores e frios,
o futuro é o vago aparecer de coisas e de acontecimentos novos.
Mas quem sou? Qual a minha essência? Onde o sigilo do amor?
Já disse: sou um homem. Sem história. Vivi todos estes anos
para poder dizer agora que os vivi, a razão desperta o caos.
Fui naturalmente criança e adolescente como sou agora adulto.
Qual o interesse em me dividir em etapas do incongruente?

O Tempo empobrece e o Espaço desmente-se. Há as leis do universo.
E depois? Que me importa a silenciosa ciência que estabelece real,
o que me diz a filosofia que repensa o mundo e o homem perdido?
Estou duvidosamente vazio e quero que a alma se mantenha oca.
Não preciso de tratados nem de falsificações do espírito coeso,
basta-me a aventura de ser e transmitir uma poesia bárbara.
Não me perguntam porquê. Sou feliz mesmo quando sou infeliz.
Quero-o. A vida não se tece de nada, de nadas. A vida é e basta.
O mais, como a poesia, a música ou a tragédia do destino, é arte.
Nos limites impostos pela humana fereza de uma possibilidade.
Vozes que desfibram angústias e penas, gritos de prazer no acme
quase doloroso de uma mentalidade que o tempo não ultrapassa.
Morremos todos. Nada resta ou permanece depois do homem perecível.
Para quê então esta insuportável busca sempre no mesmo sentido?
Saber e responder é já acalentar um engano e uma dúvida esperança.
Ignoro o mecanismo da alma como o do universo, terço olhar infindo.

Nada é poético. Nem o brilho nem a fulgência de escritas escritas de propósito para mentirem e criarem um outro homem. Nem o rio é uma metáfora existencial. Nem as palavras doces ou feras atravessam o limite do possível, tudo cai dentro da ideia que se faz do homem e da vida e do mundo e do cosmos. Não há ambíguas violências nem despertares revelados no sangue: tenhamos a coragem de alicerçar a visão na mediocridade diária.

Leio com raiva e ódio e desprezo os livros ditos poéticos que enxameiam a vida literária portuguesa e europeia e mundial, em todos assisto à necessidade da mentira como linha de força não só essencial mas totalitária, em todos paira a sofreguidão de um orgulhoso intelecto que se pensa saído da genialidade, em quase todos nem um só indício da impotência ou da fragilidade. Construções. O jogo viciosamente lúdico, o gostinho sem orgasmo. A masturbação que não teme a irrisão da história nem do tempo, descaradamente liberta do trágico sublime que não toca o homem. Pobres dos poetas que não o são! Estúpidos livros da vaidade!

E aqui estou eu, cada vez mais dentro do fora ou vice versa, incapaz de alinhavar o discurso mais comezinho, isento e feroz, cheio de amargura e ao mesmo tempo de tesão, esta animalidade tão precária doravante que a civilização não engendra vida, não fornicia nem pesa na balança do imponderável prazer humano. Triste como a negação desses livros empanzinados de poemas, onde tudo é ficção da pior espécie, isto é, centrada na ilusão, triste como o leitor que sou na busca de uma chama ou voz, não inicial, porque não existe, mas quente porque inerente ao corpo.

Ao corpo. À carne. Palavras recentíssimas na impureza do século, palavras fordas de desejo e de suor, eivadas de turpitudes sãs, abertas como uma erecção que conhece o seu poder e o seu nome, palavras onde as vísceras são viscosamente reais e imaginárias, onde o mimetismo transforma as relações mantidas com o sonho. Sexo. Amplexo. Esta miséria do nosso tempo escravo de preconceitos, onde se nega as necessidades do corpo como as do espírito livre, onde homens e mulheres tentam esquecer que são homens e mulheres, para que uma estúpida ideia de sociedade ou de civilização vingue e explore o direito inalienável ao prazer e à queda.

Não se trata sequer de pensar ou sentir ou prever a vida.
Nem de atingir humanamente o cúmulo da genialidade artística.
Trata-se contudo e sobretudo de estar aqui, presente e puro,
na aventura de estes momentos e estas palavras tornarem-se
um poema que formará um livro lido por poucos que são muitos.
Trata-se pois de eliminar secamente a solidão estrangeira
com os indícios de caminhos que as palavras criam novamente,
trata-se de colaborar com o tempo no perpetuar sólido da escrita
que petrifica o fluir mais ou menos selvagem de tudo que flui:
o tempo como o vivemos, cortado de horas e de dias e de estações,
o espaço do fora e do dentro e o outro limite do inefável:
aí, no conúbio simples e altaneiro, jaz a sabedoria inacessível.

Mas há mais: não aqui, neste lugar que se escreve e se humaniza,
mas no redor infinito de possibilidades ávidas de futuro nítido,
no esplendor que é a explosão inventiva de sentidos capazes,
no fulgor violento que dá ao homem uma razão ténue para viver.
Com e sem amor, com e sem ódio: viver o minuto que percorre
a sensibilidade e a consciência, no pensamento como na criação.

21/8/76

Porque é noite e porque estou sozinho sinto uma ternura
que me enche e se espalha pelos caminhos atónitos do corpo,
como uma mão que aprendeu a acariciar na dor e na miséria,
uma mão real de mulher que sabe o peso do universo no desejo
e que quer suavizar a rudeza estúpida da terra e do céu oco.
Como dizer a paz que vai nesta casa traumatizada pela vinda
do filho pródigo que sou, senão com saudade e terno enlevo?
Estou cada vez mais próximo de mim mesmo embora me desconheça,
examina as mãos abertas nas palmas imperfeitas que me reflectem,
parece que sou um homem, contendo um sexo saliente no ambívio
das pernas que penetram no tronco, agora emurchedido e morto.

E porque é noite e estou vivo choro. Choro as lágrimas quentes
que não pude verter durante os anos de isento cativeiro no exílio,
quando a vida era sofrimento e cansaço e desumanização árida,
e as perspectivas de futuro surgiam negras e viciadas pelo poder
de políticas que querem o homem ajoujado a preconceitos atávicos,
restos de almas que outrora floresceram no lugar que hoje é alma.
A minha história não é nem será nunca exemplar. Nem história.
Vivi o medo de ter que permanecer para sempre preso à escravidão,
morri o sortilégio de cidades apodrecidas na imaginação velha,
padeci todos os males que o ocidente engendra nas gerações novas,
passei as vicissitudes do mal na orgia sensorial de um castigo
no qual eu não podia acreditar, demasiado desperto pela excitação.
Agora recordo, teso como um tesão, as viagens feitas no redemoinho
da terra e do mundo, os gestos que praticei e as palavras ditas
nos momentos mais estrénuos e duros da minha inexorável desdita,
a secura anímica diante das mulheres perdidas numa sociedade
que lhes nega essência e necessidade, para as colocar na condição
de pedestais inferiores de beleza e sedução e vis ofertas.
Não disse tudo ainda. Cada poema não é só uma mentira impossível
como uma impossibilidade que a palavra não vence nem protege,
cada poema que teimosamente escrevo contra tudo e todos vive
a substância esquecida de uma memória que catalogou passado,
no tumefacto desfibrar dos dias que ensanguentam o destino árduo.

Mas não é por isso que escrevo. Há outras razões irrazoáveis,
como o desejo tenaz e efémero de galvanizar a experiência
para que a minha ausência sobre a terra seja um sentido achado.

Com alegria sou quem sou quando escrevo as palavras férteis
de um desespero que espera encontrar o fim no começo eterno,
com alegria esboço a selva anímica que me anima o espírito
nesta transfusão de sangue, quiçá de esperma, digna de apreço.

A idade não é um mito nem uma necessidade de fugir à questionação.
A idade é um silvo do enigma que serpenteia a esfinge louca.

Louco por dentro procuro manter a aparência de um exterior humano, repito as frases aprendidas no mundo, consinto no logro, para que a minha existência esteja a salvo e isenta de dor. Mas não me engano. Parti. Vou longe. Ninguém mais me pode segurar. Pensei que uma mulher ou todas as mulheres conseguissem dar-me uma razão plausível para suportar a mediocridade do real, pensei mesmo aproveitar da minha superioridade intelectual para estabelecer nas escolas da sociedade perfuntória a imagem gratuita de uma personalidade cheia de brilho e de flatulência, só consigo contudo queimar o meu sigilo com querelas pessoais. Não amo nem odeio a civilização onde cresci e não é minha. Nem tão-pouco escolho a indiferença para a festejar ou desprezar. Estou algures onde os contrários se encontram e as antinomias conhecem o brilho talvez demente de um casamento desumano. Voei sem asas no domínio interdito ao homem casual de hoje. Como poderia agora regressar à casa habitada de sombras vis?

Estou nessa casa. Minto para me crer sincero. A cultura outra serve-me de acicate e de tenaz membrana do declínio humano, espelho sobre a terra este veneno que é um sonho de felicidade só acessível aos homens que sabem ou souberam negar o mundo para poderem edificar nas ruínas do século uma harmonia alegre. Estou nessa casa e sofro como vós as turpitudes de uma ordem imbecil que coarcta a imaginação e a inventiva e o crime maior: desejar com fervor e raiva um outro universo mais propício. Por isso finjo que escrevo livros imponderáveis onde a seiva escorre pelas vias habituais do sonho que se assemelha à loucura, mas só o futuro é um leito, que o presente como o vivemos e somos é uma prisão fétida vítima das regras medíocres e do poder. Por isso não sou um poeta, muito menos um profeta, nem um artista: sou o homem que sonha o que escreve como se escrevesse alegria.

Quantos fruirão deste prazer que é a escrita da ignorância?
Só eu sei de que trabalhos padeci para chegar a este ponto
de completa ausência na presença dos homens que nasceram ontem.
Só eu sinto a falta da companheira, mulher de contornos irreais
que não surgiu ainda à superfície infecta da terra subserviente,
esse mito de carne e de espírito, quente como um vulcão larvar,
leve como uma cogitação suportável, isento como um esboço anímico.

Sonho-te e por isso sou-te. Não estranhes a ousadia de verbos
desmembrados pelo tirocínio do desastre intemporal, vive-os
como descobertas epistemológicas que negam a verborreia acre
das ciências capazes de destruírem o homem já soterrado no ódio.
Lê-me como quem digere um fruto apetecido e tem fome e sofre:
faz das minhas palavras um esconderijo onde te possas abrigar.

Mas a inclemência da hora, e o sono alvéolar estão dispostos
a jugularem a minha necessidade de companhia e de destemor,
peço-te agora que não me abandones, estou terrivelmente só,
sem saber o que fazer, escrevendo com aquela força jovem
que me era peculiar nos anos da indecência, quando festejava
a cegueira da civilização com bebedeiras e ruínas de afectividade.

Continuo preso às palavras, as megeras, as dissolutas, as mulheres.
Todas puras como o primeiro vagido de um recém-nascido infeliz,
todas sages e velhas, portadoras de uma sabedoria quase milenar,
traiçoeiras como a amizade entre os homens, os homens e as mulheres,
amigas como só o sonho pode prever num futuro de amenos diálogos.
Mas a prisão é um prazer. Traduz uma força que se avoluma em mim,
um brotar de insultos à inteligência megalómana dos políticos,
um desabrochar de flores no canteiro humano que bebe luz e trevas.

O gozo e depois o fastio, partes da vida, sucessos imperturbáveis.
Restam estas folhas perdidas na loucura dos homens inacessíveis,
como testemunhos ingratos de uma visão que quer sangue quente
nos escaninhos anímicos e tesão no sexo demente que procura alvos.
Estou desflorado pela ideia que desenraíza o coração do corpo,
ferido pela intenção estúpida de um futuro datado, aqueço-me agora
na fogueira vermelha do meu raciocínio, este poema terno e severo,
uma página enegrecida, um minuto de comunicação, a alegria forda!

Acordei com a impressão de um sonho despovoado que me viveu as horas solitárias de um sono quente, acordei e fiquei mais uma vez espantado por viver, por sentir que era um estranho animal com olhos e corpo e este fluxo de sensações ou pensamentos. A luz mal entrava pelas persianas, chovia fora, o vento do norte esbarrava contra as casas vizinhas. Ali estava eu, depois de tantos anos de exílio, regressado a casa, nos lençóis ancestrais da família, no calor e no vago recordar de eventos passados nos quais fui talvez a principal personagem. Levantei-me e liguei o gravador: Música! Sempre! Voltei à horizontal do meu corpo tão cansado, aguhei as orelhas e ouvi velhos discos intemporais, canções de um outrora ainda recente, do antes e do após a minha partida para terras do pavor, lugares onde vivi a dor impossível de descrever. Preciso que me creiam para que não me julgue mentir. Tudo já passou, assim o espero, ficou este ressaibo intempestivo de merda e sulfuroso desengano: o mundo tem fronteiras e línguas e raças e credos! Não o meu que não existe senão em mim e sofre a necessidade de parto e de eclosão na terra para que eu próprio seja mais real e verdadeiro. Dentro da minha alma também viajei longas estradas que me levaram aos sítios mais inacessíveis, atravessei crises e desesperos e desassossegos, acalmias que ficaram na memória como doirados entardeceres depois de chuvas magnânicas, prazeres do espírito na leitura de livros amigos, orgasmos da carne que se vem até ao limite, em todos os momentos fui profundo e sério, embora o riso e a alegria tivessem uma parte importante na minha feitura de acontecimentos. Acordei hoje e senti-me irremediavelmente só. Onde encontrar alguém que me possa acompanhar? Nos meandros da inteligência como nos agudos efeitos da sensibilidade aberta ao mundo palpável, assim como ao invisível indizível que clama uma voz e uma fala, estas palavras tão pessoais!

Terei ainda alguma coisa a dizer senão a dificuldade em dizer?
Não quero pensar mais em termos de procura ou de obsessão.
Prefiro pensar que a vida gera em mim uma necessidade
de testemunhar, não o que ocorre nas malhas do real dizível,
mas a impressão que nos deixa cada gesto e cada fala,
o absoluto de um pensamento que nasce para depois sucumbir
na confusão e no tumulto do tempo que passa e nos engana.
Sem esquecer a palpitação de um fascínio inerente à carne,
sem evitar os engulhos de um destino de homem total e vivo.
Mas há um outro problema: o de escolher as palavras plausíveis
para com elas construir um discurso digno de fidelidade e amor,
o de misturar esses fragmentos num livro que dê uma ideia
da vida como foi vivida por aquele que escreve sem descanso.

Não sei se o leitor nota, mas eu sinto a impossibilidade
de dizer em cada palavra que junto ao resto de palavras
já escritas ou sussurradas ou ditadas pela inspiração.
Creio em mim, mesmo quando assisto um pouco assustado
ao resultado da minha poética desbaratada pela mediocridade,
pelo sentido de desmedida que se apodera dos meus nervos
e imprime nos poemas uma espécie de monstruosidade ilegível.
Eu próprio leio com apreensão o que outrora escrevi,
incapaz de compreender o sentido total que impregnei
nas palavras já velhas, saboreando um mal-estar definível
pelo desgosto e pelo falhanço como coroações do meu génio.

Decido então abandonar definitivamente esta arte gratuita
que se me assemelha a um jogo puramente intelectual ou outro,
onde o suor e o sangue da vida não contam nem pesam
para justificarem uma nova estética sem palavras indesculpáveis.
Mas como não sou forte e temo a morte como indiferença
volto sempre ao desassossego e à alegria de criar ritmos
e sentidos que vão dignificar um pouco a minha estadia
sobre esta terra e neste mundo povoado de miséria e desolação.
Consciente que não sou um poeta, grande ou pequeno ou importante.
De que os meus livros não justificarão nenhuma escola
nem pertencerão à história da literatura dos países humanos
que não sei nem quero sentir, tendo ultrapassado há muito
essa vil ideia de ter nascido num ponto qualquer da terra.
Aqui edifico a minha casa, lugar sem fronteiras, carne e espírito.

22/8/76

Confesso quanto invejo esses poetas amados das mulheres,
que souberam e sabem ainda dizer as palavras reveladoras
de uma sensualidade escondida no sentido perdido
da civilização ocidental, palavras simples de amor
ou de um erotismo que nunca soube acalentar, puro e simples
como o dos animais incapazes por isso de erotismo,
palavras que brotam como águas famélicas de encanto,
suaves como todos os raciocínios fáceis da animalidade,
inerentes ao esplendor antiquíssimo de uma sensibilidade
que não diz nada de novo, mas teimosa permanece e nega
o futuro como negação do presente ou do passado.

E eu confesso que é talvez o ódio ou outra coisa
que me move e me faz escrever recentíssimos deslizes
de uma consciência ainda por catalogar, mesmo se me engano,
mesmo se falho o intento: derrubar o velho e criar o novo.
Mas confesso que é uma aventura solitária e sem recompensas,
viver o dia a dia como se fosse uma dádiva do inexistente,
um minuto de explosão com os ressaibos de uma amargura
até hoje impossível de detectar, mas sabendo a cansaço
e desesperança, que é o prato quotidiano de homens como eu.

Leio-os como se fosse um pobre miserável arfante de solidão.
Tento aprender as palavras gastas ou inusitadamente novas
pelo jogo intelectual das doutrinas poéticas em moda,
recalco os sentidos podres e repito mnemonicamente
a estupidez e a sentimentalidade aqui lusa além mundial,
as lágrimas deslizando pela sinceridade impossível,
a vida a negar-me uma possibilidade de paz medíocre.
Queria tanto conquistar a mulher com palavras levianas,
como fazem todos os outros que fazem assim, mostrando-lhe
até que ponto vai a minha inteligência ou o meu talento,
em que áreas voa a minha sensibilidade transparente,
convidando-a ao prazer de me ajudar a suportar
esta vida irremediavelmente perdida e chata e estéril.

Mas não consigo! Que pena! Mas não consigo!
De nada vale por momentos deixar de ser eu e imitar
os outros que se imitam desde sempre com sucesso certo,
a minha raiva atraiçoa-me e eis-me desperto cinzelando
outros ritmos com outras odisseias de palavras pesadas
que lavram rios de sangue nas vísceras daquele que lê.

Sempre me espantaram aqueles que escrevem sobre o passado como se este fosse o Passado, e o descrevem com palavras tamisadas e grandes para que os leitores possam sentir a importância desse passado aos olhos do mágico poeta. Assim, um facto qualquer torna-se o Facto por excelência, um pormenor é a própria essência do que se conta ou sonha, como se a vida possível do poeta fosse pontuada de absoluto.

Também eu tento dar essa imagem mistificadora nos poemas que escrevo quando trato do passado que vivi e sustentei, mas fico sempre com a impressão de não ter conseguido fugir ao comezinho e vulgar reflexo do que é suscitado, sem ter alcançado esse tom de quase epopeia e de história que enferma a produção poética da maioria dos poetas.

Choro de raiva por não ser como os outros. Humildemente. Quisera também possuir esse dom de transfigurar o real para que este surja mais acessível à compreensão humana, quisera estabelecer os planos de uma sensibilidade datada para que os que me lêem pudessem reencontrar-se em mim. Por que não sou como os outros? Devo ser muito estúpido para só agora me fazer esta pergunta apanágio da mocidade, devo ter vivido uma outra vida e num outro mundo longe para que as preocupações que me afligem surjam só agora!

Já escrevi algures, lembro-me com simpatia e compaixão, que não era um homem. Depois desmenti essa afirmação louca. Dizendo que o era mas talvez de uma maneira diferente. Sempre me senti a meio caminho, entre dois pontos radiantes. Entre um passado e um futuro, aproveitando a beleza e força desse passado para prever a harmonia e felicidade do futuro. Posso estar muito enganado quanto à minha posição no mundo. Mas que posso fazer eu? Como evitar o engano ou a presunção? Sei que sou desnecessário ao mundo e às gerações vindouras, mas sinto-me fundamental para que se estabeleça a verdade deste tempo que é também o meu, embora votado à perdição. Por isso penso muitas vezes que o que escrevo deve ser dado a conhecer ou fixado em livros materiais como objectos que permanecerão depois da minha ousadia e do meu apagamento.

Esquecido de ter sido lançado na loucura humana
escrevo os versos perecíveis que transportam luz
e chamas como ordeiros insultos à matemática,
levedando em mim um sabor a queda e a desastre,
sem saber porquê, mesmo contrariando a alegria
que me anavalha o corpo e corrói na alma treda
esta necessidade de dizer a todo o custo a falta.

Sei que não minto quando insinuo o crime moderno
de se viver existências dessangradas à deriva,
sei que não falho quando aponto o mal da sociedade
que aspira à glória tumefacta do dinheiro fácil,
sem reais valores que serão sempre os humanos,
sem uma fé que una o desconforto da dessemelhança,
sei que não é a crítica que vai mudar o cataclismo,
nem o amor que as igrejas pregam com um fervor
que só o passado soube ilibar da falsidade bruta.

Uma poesia que se preza destrói-se na conquista
e constrói-se no desespero que alicerça futuros,
mas quantos estão preparados para o reconhecerem,
quantos passaram as vicissitudes do real injusto
para sentirem na carne, que é espírito, a necessidade
de mudança, do mundo como da vida, para que tudo seja!

Em vão repito o que ninguém cuida saber:
morre-se todos os dias na ignomínia de um destino
desde o começo falhado e sem fulgor ou desmedida,
não se ama nem se odeia, escolhe-se a facilidade
da injustiça como ordem social e prega-se a moral
da mediocridade para que a força da juventude
não varra da terra as casas mal construídas
de uma senescênci incapaz de sonho ou amor.

Poucas vezes escrevo com ardor a visão futura
que acalento no meu desânimo como no meu pénis,
quero mudar para que parcelas do real mudem,
quero viver para que a terra floresça e cresça,
quero amar para que a alegria reine e folgue,
quero depois morrer para que outros nasçam
e saibam que fui um homem no limite do corpo,
capaz de realizar a ideia e sonhar desperto.

Perpassa pela minha sensibilidade um abalo de loucura
quando ouço trágicas músicas do desassossego,
quando os sons traduzem uma força capaz de vingança,
quando a disponibilidade da vida espreme a ânsia.
Momentos de uma inolvidável comunicação com o inefável,
como se a ausência estivesse presente na minha alma,
ou outra coisa, um espasmo do absoluto, um silêncio.

Música! A da violência jovem que grassa nas capitais
do mundo podre de injustiça e inacção, guitarras lançando
chamas e balas e turpitudes que só atingem os fracos
heróis dos nossos tempos, os homens de sensibilidade.
Mas amo. Como se eu próprio fosse uma estranha melodia
com variações imprevisíveis, altas e baixas, tumulto
da vida como é vivida pela contemporânea estupidez.
Abro-me para sentir até ao fundo de mim o abraço mágico
dessas canções selvagens, a electricidade irrompendo,
tremuras do corpo teso até ao prazer sem orgasmo,
pois é a outra dimensão que paira na atmosfera lúdica.

Passo os dias na sarabanda de músicas que surgem
e desaparecem, todas elas já datadas pela memória activa,
todas elas sentidas e pressentidas como qualquer coisa
de essencial para a prossecução da minha existência,
dádivas de uma arte que quer mudar os homens pobres
e os seus diálogos ou solilóquios ou invectivas isentas.
Ouço, de pé e dançando, ou deitado na sonolência bendita
que me projecta para as regiões do sonho meio acordado,
onde vejo com olhos inocentes e virgens o paraíso utópico
pleno de cores e eflúvios de bondade, vegetação anímica
sobre uma terra onde os rios tecem suspiros e necessidades
gradualmente gratas à esperança num futuro redentor.

Mas tudo passa. Até a música. E depois, eis a realidade,
plúmbea chateza de dias calcinados pela rotina árida.
Então, na rua ou no emprego, sonho, recordando os sons
que existem dentro de mim e me enriqueceram de matizes,
sonho para que a vida seja menos dura e mais suportável,
transformando-me num reino propício ao possível arranjo
que a terra precisa para sobreviver pelos séculos futuros.

Depois da chuva o sol, depois do negrume a luz.
Há um espaço do real e um outro poético.
Assim, depois da solidão a companhia fictícia
da poesia que escrevo com os sentidos despertos:
depois o cansaço como conclusão e estadia.
Regresso ao sentir intemporal, carcomido por dentro
pelos ruídos de um exterior que é mundo e vida,
mas não é um regresso, antes uma despedida.
Para que se comprehenda a sensibilidade fugidia
de um espírito entregue à sucessão dos dias,
tentando captar o mais importante que fica,
na memória como na carne, estranha asfixia.
Um brilho, um arrebol, uma palavra sensual e rude
no aspermo esplendor de uma demência que se acha.
Um desmentido claro da ignorância científica.

Ah! depois de tudo, tudo! Como sempre! Sinais lacaios
que inundam o território do homem de cheias e lodos,
esporádicas fugas para o sossego, a indiferença,
o embotamento dos sentidos, a anestesia profética.
Falo-te da indecisão que campeia os horizontes
que me cercam, do que não sei, do futuro vesgo
que certamente espreita para me sugar sangue.
Falo-te do insuportável desejo de sair de mim
para retornar à casa da felicidade que é a outra,
aquela onde tudo nasce espontaneamente e sem aviso,
aqueла que esconde o destino e o sentido da morte.

Mas não hoje, não hoje! Aqui estou indecoroso e fátuo
escrevendo o delírio cordato de não merecer genialidade,
o que digo não ultrapassa o que não digo e é muito,
o revelado surge estragado pela estesia furibunda,
pela raiva que me prende a voz e balbucia desgaste
e ódio, eu que me pensava saído de um sonho inumano,
eis-me agora diante do engano mais cruel, ter sido escravo
no altar indecente de um reino que sobrevive no esgar
e no medo dos acólitos perdidos de uma fé que não salva.
Mas não pretendo comer a terra nem gozar dos domínios
que ainda ontém me estavam vedados pela incompreensão:
quero apenas escrever clivagem no local do esquecimento.

No espelho em frente olho aquele que sou.
Estou mudado pela idade e pelo sofrimento.
Cresci no corpo como uma monstruosidade leve,
a alma estarrecida concentrou-se no limite.
Mas como estou vivo escrevo o último sentido
e fico feliz e áspero perante as perspectivas
de desastre que devastam a terra indiferente.
Quero dizer que embora seja deste mundo inóspito
viajei outrora pelos caminhos do desespero
e pelas sendas de uma alegria que desafia a morte.
Estou sozinho e sabe-me bem a intemperança
do meu raciocínio devorado pela alquimia do verbo.
Do verbo profano e recente que nasceu da hora
em que o sentido da vida se despe para mostrar
o horror e a vileza, a profunda necessidade de caos.
Tenho medo. Por mim, pelo que não soube viver,
por aqueles que me foram gratos e próximos,
um medo saído das entranhas e disposto a sofrer
as vicissitudes do real como se oferece na terra.
Sinto-me recompensado, estranhamente desfeito
pela ignorância do que não pude aprender,
capaz de uma visão que se projecta no cosmos
para aí vislumbrar uma capacidade de osmose.
Não sei dizer vida quando não sei viver vida.
Estou aqui, na casa por excelência, homem adulto
segundo os preceitos da sociedade castradora,
teimosamente preso às palavras que constroem
poemas ou simulacros de estéticas rejuvenescidas,
sem nada fazer, estático mas actuando no interior,
como milhões de células que se revoltam do acaso
e por força querem instaurar uma outra ordem,
a da justiça na felicidade e no lazer inteligente.
O presente são estes dias perdidos no insetido,
estas idas ao café profissional de uma cidade
onde a estupidez e o proficiente provincianismo
se aliam para estragar as relações humanas.
Em toda a parte este odor nauseabundo e atroz
do preconceito mais mesquinho e desnecessário,
em todos os sítios que passo esta negação vil
ao esplendor da vida aberta no sensual desmaio.

Um poema polivalente, pleno de palavras inusitadas para transgredir a sensibilidade moribunda do leitor. Acorda e lê! Não me pergunes o quê. Não este livro. Mas o teu redor, com olhos lavados e ouvidos acesos para poderes captar a essência do real aproximado. Para poderes aperceber-te do mundo em que vives, das classes de homens que se digladiam selvaticamente, dos preconceitos que surgem como verdades eternas, da ignorância que enferma a juventude como a velhice. Esse redor, onde quer que estejas, é o verdadeiro poema.

Este, que não lês, mas apenas pressentes, não é nada. Talvez uma miragem insinuada na tua solidão humana. Talvez uma impressão que viaja os teus sentidos. Este poema nasce como uma dor, cresce como uma flor, e se rima não é minha a culpa, mas da civilização onde eu próprio nasci, cresci e vou morrer um dia. Se. Se nada acontecer de essencial ao mundo moderno. O quê? Uma revolução total, uma lavagem das pedras ancestrais que nos estropiam a cultura ocidental, uma aprendizagem do homem como fraternidade séria. Que sei eu? Tudo pode acontecer, até o pior: o desastre. A explosão como subterfúgio e evasiva estúpida dos problemas que as sociedades actuais não sabem ou não querem resolver de uma vez para sempre. O fim do planeta, do sonho, a gangrena e a peste. Não tenho medo mesmo quando digo que é o medo a mola que me impulsiona e me obriga a escrever: triste fico contudo por ter ido mais longe e de ter desmerecido esse longe sem nada fazer.

Sim, tantas vezes o repito: um outro poema, outra a vida! Fixada na realidade que é a pedra de tudo e consente todos os disparates e sonhos e desmedidas impossíveis, que a estagnação vive apenas no ódio dos homens fáceis que não foram sacudidos pelo sopro de um outro apelo: construir sobre a memória soterrada a luz transparente de uma harmonia, de uma música onde a felicidade livre fosse o leito dos amantes que todos os homens seriam, esquecidos os ódios e renascidos das cinzas reprodutoras!

Sair de mim: como poeticamente sair de mim
senão fingindo que aquele que descreve está algures
e é imparcial como uma impossibilidade humana?:
um sonho, viver-me fora, sem corpo nem alma nem espírito.
Como pois pretendo sair de mim? E para quê?
Entrar nos outros: mais uma vez mentir que se é
essa consciência universal que explora o real
dividido entre o que realmente é e a ideia que dele fazemos.
E para quê? Para que a vida seja talvez mais leve,
vivida sem consciência nem materialidade corporal,
puro olhar e nem isso, puro nada, essência absoluta do gesto.
E da palavra. Para quê, pois, sair de mim se eu sou eu?
Eu que agora escrevo como há pouco comia e repetia
os actos antiquíssimos de uma rotina excelentemente datada,
eu que fiz e desfiz o destino para que este se salde
na negativa de um mundo injusto e propriamente porco,
sem contudo estar certo de ter sido feliz na escolha,
que os pontapés no cu foram batalhas do imenso.

Sair de mim! Entrar nos outros! Entrar em mim! Sair dos outros!
Não é só um jogo. Nem tão-pouco uma necessidade incoercível.
Lembro-me subitamente, fulgorantemente, um nada que vivi,
um espelho quebrado na imagem de água a correr na água.
Uma imagem não é uma chave para as portas que o absoluto
não tem nem poderá jamais ter. Nem sequer uma pista poética
na estética da desolação onde irrompe a chama do futuro neutro.
E sair de mim não é a mesma coisa que querer sair de mim!
Há uma necessidade, uma aproximação do real na irrealidade
que ensopa a estesia aguda daquele que não sabe escrever.
Sou eu, o mágico medíocre de uma alquimia intransponível
entre o ser e o não-ser, ideias de uma sabedoria estúpida.
Não há filosofia nem amor, apenas os dias acorrentados
aos dias que voam como aves dessangradas pela ataraxia.
Não quero sair de mim. Não é uma questão de orgulho anímico
ou de intelectual vaidade nem de humilde sujeição ao absoluto:
quero estar em mim e ser eu para que tudo possa ser sentido
como uma totalidade harmónica ou monstruosa através dos olhos
que vislumbram e insensivelmente catalogam a extensão nebulosa
de um destino construído de negações e de ferozes esperanças.

Calmamente desejo escrever o tumulto fictício
que explode na terra maciça onde os passos oscilam
como forças desmedidas que enganam a consciência.
Calmamente me infiltro de insubstância para poder
assistir ao apogeu de ideias que ferem o roto prazer
da destruição como alicerce de uma vida melhorada.
Mas insidiosamente estremeço com a visão espúria
acalentada na menstruação de um delírio que impede
o homem de decidir quem deve governar os destinos
da humanidade, se o amor desflorado e impuro,
se a ordem empobrecida de um desígnio controverso.

Não há mais nada! Sim, talvez um feitiço ardente
no cúmulo erodente que reúne as duas partes
de um fruto fendido entre o norte e o sul,
como um devasso pôr-do-sol que desaparece
na penumbra má de uma noite que se avizinha.
Assim, cada palavra é um crime, cada ritmo
uma tentativa de corrupção na alma pura
da cultura ocidental que sobrevive à chama
e aos incêndios de poetas loucos e desmedidos.

Não sei para onde caminho. Oh, sim, sei bem onde vou.
Estou já no seio docíssimo de uma realidade áspera
que se assemelha ao rumor de um desastre inimigo,
sem profecias nem malevolências de mau gosto,
sei-o porque a carne se rebela e deseja martírio
nas palavras livres que dilacera e empurra e devora.
Vou como um voo sem ave. Como um impulso sem força
através do ar e da água, fogo ao ritmo do amplexo,
brevidade de um segundo mínimo de reflexão animal.

E por isso, mais dentro do que qualquer dentro o permite,
escrevo estas frases eivadas de húmus intelectual,
que o outro, nascido e soterrado na terra real,
cheira a merda e a decomposição, maravilha orgânica
que atrai a minha sensibilidade de homem perdido
na civilização dita ocidental gratuitamente festejada.

24/8/76

Eis-me novamente carcomido pelo desassossego.
A terra é agora manhã e no céu reverberado
vê-se uma nuvem balouçando paz e encanto.
Aparentemente não há uma razão plausível
para ficar toldado pela dor inexplicável.
Subterrâneo, um nó de inquietação, nervosa
aranha de um deslize que não comprehendo
nem posso desejar compreender. Não é a morte
nem é o cansaço da vida num tédio plúmbeo.
Sem dúvida é qualquer coisa. Uma impressão.
Saio da janela fictícia e sento-me à mesa
onde já escrevo este poema que não acaba:
diante de mim as palavras num fundo branco
acenando delírios e estesias imperdoáveis.
Talvez seja uma saudade, quero dizer, este sentido
repentino na minha corrente de consciência.
Não de pessoas ou de épocas, nem do futuro.
Estou, ou sinto-me, o que talvez não seja
a mesma coisa, violado pela aridez do destino
num século que promete vitualhas de ouro
e prazeres oriundos de uma carne estarrecida.
Disseram-me que ouvi uma frase reveladora.
Quando e onde não sei. Algures no tempo revoluto,
alguma mão fez sinal para que pare e reflecta,
para que sopesse o vivido e as perspectivas
do porvir que surge inopinadamente ao segundo
que se está já a viver, consciente ou não.
Não sei positivamente pensar. Em que base?
Com que palavras ou a partir de que pontos?
Só estou na inclemência de um mundo sujo
que não sei amar nem possuir e me enerva.
Há os outros – dizem-me as filosofias modernas.
Sim, homens e mulheres na poeira dos caminhos,
lutando e esbracejando e pensando gozar um olvido
nos momentos lúdicos que a máquina consente.
A máquina devoradora: o capitalismo espúrio
que enterra gerações que não conheceram
nem a verdadeira alegria nem a inventiva
que leva o homem ao cúmulo extático de si mesmo.

Uma vontade inexpugnável de chorar.
A vida que permanece sempre além de mim,
o destino que paulatinamente vou forjando
com dor e desatino, para não dizer com ódio.
Eu que tanto amo a vida, a outra, elevada
pela imaginação ao pináculo do ser e da beleza,
eu que tudo faço para dar um sentido latente
aos passos perdidos que imprimo nas areias do ocidente.

Se chorar significasse ao menos qualquer coisa!
Caem e deslizam as lágrimas através do deserto
que é o meu rosto devorado pelos incêndios anímicos,
o sonho que explode dentro de mim como um vulcão,
os reinos que invento e os palácios antigos rejuvenescidos
pela vontade que posso de modificar o tumefacto e o podre.

Outras as mãos, que estou tão só e já não sei viver!
A carícia de uma mulher corrompida pelo sofrimento
e que conheça o preço do amor simples, o beijo quente
de uma mulher que tivesse conhecido o inferno do desejo
no corpo como no espírito ardendo confusão e anelo,
o sexo aberto e molhado de uma mulher que viveu
todas as peripécias da miséria do século revoltante,
para me perder, para definitivamente esquecer esta vida
que não suporto nem almejo, este escarro indecente
todos os dias exposto à minha sensibilidade nova,
esta náusea de um mundo dividido em riqueza e pobreza,
em alto e baixo, este sublime desconforto do real irreal.

Choro, docemente choro como numa canção de embalar,
o perdido e o achado, a minha impossibilidade de gozar
o crime e a turpitude que reinam na terra despossuída,
choro, lentamente choro e estático quebro o espelho
do invisível que vive em mim uma odisseia tempestiva.

Não nasci das trevas nem da genialidade inata.
Não falei com a ausência dos deuses da civilização.
Não conheci o aroma perfumório das culturas humanas.
Sofri a minha sorte sem fortuna nem amor, farrapo à deriva
num turbilhão de sentidos que negam a necessidade de vida.

O pouco que humanamente sei nega-me a sabedoria.
Não se trata de acumular cultura ou experiência
como um capitalista que investe os seus sonhos
no dinheiro que lhe trará desassossego e abastança.
Trata-se de reviver a pureza de um olhar sincero
diante da terra como da natureza, dos homens recentes
e das mulheres que se perdem na imitação do castigo.
Trata-se de dizer olá ao que passa indiferente.
Sem religiosidade ou altruísmo: sendo consciente
de que todos pertencemos ao mesmo clima ou sonho,
tendo em conta de que a humanidade é coesa.

Tantas batalhas ao longo dos séculos ocidentais
para chegarmos a isto: explorados e exploradores
num estranho casamento consentido pelas duas partes,
mesmo contando com as arruaças que solevam vez por outra
a ordem estratificada pelo ócio e pela indiferença.
Ano após ano pervertem-se os anos e a vida voa.
Alguns sem nunca terem conhecido uma alegria humana,
outros atrevendo-se a tomar posição junto dos deuses.

Tudo está bem – dizem. O homem é egoísta. Na maldade
somos todos iguais, no gozo das vitualhas da terra
já se distingue uma camada eleita pela cegueira
dos demais, homens que labutam desgraça e nojo.
E eu no meio de tudo isto, não isento das explosões,
incapaz de evitar a exploração dos grandes senhores,
a não ser vergando-me e repetindo com eles:
somos filhos do sol e permanecemos na terra para vencer!

A vergonha. A incompreensão de um estado de coisas
mesmo depois de lidos todos os livros explicativos.
O consentimento implícito na escravatura do destino.
Sim, ninguém quer morrer, sabendo todos que morrer
é a recompensa que nos está destinada desde o nascer.
Todos, uns mais do que os outros, fazendo pela vidinha:
esta mediocridade mitigada e sem real pão: a liberdade
que todos dizem almejar e que ninguém busca na vida
quotidiana de uma revolução permanente do homem.

Por vezes quer o poeta ir mais longe do que o real
através duma imaginação que é ela mesma ainda real,
porque arquitectada com palavras ou sentidos humanos
que nascem justamente da fricção entre o homem activo
e a matéria, redor ou natureza, resistência operante.

Outras vezes um poeta solitário como eu passeia
através das paredes fictícias do ar e da areia
com um estranho sorriso nos lábios que tem o peso
de um absoluto trágico e a importância do universo.
Ninguém sabe a razão desse sorriso transparente.
Só eu tenho acesso ao que se passa na cabeça leve
que imagina um outro mundo sem palavras nem imagens,
independente completamente de todas as compreensões
sensuais ou intelectuais, o brilhante mundo do Nada.

Nada a dizer, nada para ser pensado: a palavra humana
não poderá jamais alcançar esse reino isento de tudo,
apenas apontar para esse alvo com indecisão e espanto,
para que alguns homens, entre os mais corajosos ou loucos,
possam aperceber-se da miragem que paira no inefável.

Eu que vagueio sou esse mundo, puro criador de nada,
já que o que piso se me afigura demasiado mesquinho
para conter a minha estúpida ânsia de ablutor absoluto.
Trago-o dentro de mim, escondido como a impossibilidade,
acaricio-o como se fosse uma pele de mulher ausente,
aqueço-o com o sangue que me vai nas veias limítrofes.
Compreendo então a verdadeira natureza da pobreza,
os sinais que infestam a terra de confusos apelos,
os passos que certos homens franqueiam de liberdade,
para que esse sonho seja possível no mundo conquistado.

Surge finalmente o silêncio no fantástico delírio
da matéria estilhaçada em grandeza de espírito,
uma língua de fogo para acender no horizonte aberto
o clima do ser, urgência anímica e vontade corporal
de gravar com o nome do ilímite a crosta terrestre.
Por vezes fica-se aquém das palavras e a descoberto!

Espanto-me cada vez mais com a dificuldade
que sinto quando quero escrever palavras e ser
sobre a sensibilidade contemporânea.
Travo uma autêntica batalha para reter os sentidos
e as palavras que teimam em fugir e desaparecer.
Suo e enlouqueço, cada verso saindo diferente
do verso dos outros, esses poetas benditos
que em vão tento imitar para me salvar da morte.

Terrível a aprendizagem quando se é ignorante!
Decalco o previsível e o já feito, leio poéticas
que ontem e ainda hoje fazem a lei da arte nervosa,
como um aluno atento começo a cópia do artefacto
para que possa sentir no fim um orgulho de mestre.
Mas não consigo! A minha rebelião interior
impede-me de não ser eu, escabujo como um criminoso
e só atinjo a fímbria ridícula da sinceridade
que outros souberam tão bem ou tão mal descrever.
Será um suicídio querer sair de mim e efigiar
a moda que traz recompensas e sucessos e honra?

Sinto-me verdadeiramente, isto é, sem sentir,
o mais jovem homem de toda a terra vermelha.
Só o corpo me engana e se engana impondo rugas
e gordura à ideia que fazemos da beleza virgem.
Quisera conhecer a linguagem da estupidez senil
que acompanha a velhice das suadas células.
Este desfasamento vira-me cada vez mais para dentro
quando o meu desejo confesso era viver o fora.

Ah! saber o gosto de outra pele e de outro universo!
Reter num mim mitológico a razão e a sensibilidade
que a minha odisseia não poderá jamais catalogar!
Conter o mistério de ser outro escondido debaixo
desta aparência datada de homem nascido que vai morrer!
Como, sim, como deixar de ser eu para novamente existir
no espelho que traduz a fome de uma mudança radical?
Preso na ancestral memória que viu o sol longínquo
perecer e depois rejuvenescer para queimar a terra
e enganar os homens com uma luz que seduz o enigma!

Todo o livro é um pretexto para procurar companhia.
Escolho-te a ti, leitor, para que o diálogo possível
irrompa como uma necessidade irrefutável e útil.
Aqui tens um poema que se constrói com a destruição
de leis poéticas e de hábitos enraizados na estesia.

Não, não te iludas, a deceção é uma parte muito importante
da conquista que obtiveres com a leitura atenta deste livro.
Por isso atiço em ti a ousadia e o desconforto moderno,
para que me saibas ler, criando-me e sujando-me de ideias
que nunca foram minhas nem pretendendo perfilhar.
A ti, também, a responsabilidade de uma poesia incapaz
de transgredir a Regra e o Tempo, pão que tens de comer.
Possas ao menos gozar-me como um devasso sobre a vítima
que pede e anseia por sangue e cansaço no seio materno.
Sei que é difícil seguir as pistas e descobrir o fim
no insertido que paira e reluz nestas páginas esquecidas,
mas só o esforço poderá compensar a tua temerosa luta,
contra tudo e contra todos, inclusive contra ti próprio,
o homem a abater para que o outro homem nasça das cinzas
e possa viver em ti um sonho de pureza e de real ameno.

A minha vida é um inútil repetir: um anelo de futuro
sem negar o passado que o exigiu nos seus falhanços,
um medo e uma sombra, sobretudo agora que escrevo
este poema eivado de mediocridade e de inteligência,
não a minha que é escassa e se perde nos jogos diários,
mas a tua, leitor de sevícias e de prazeres icásticos.

As nossas vidas desossadas e dessangradas e fétidas,
tenhamos a coragem timorata de o dizer, unidas agora
através deste livro que não compromete ninguém:
como um sumptuoso casal assexual e vergonhoso lemos
comovidos o trágico destino que nos empobrece a vista
e paira solenemente nos arremessos selvagens do desejo.
Possas tu abrir-me como se abre um fruto amadurecido:
dentro, no lugar da semente que é já promessa de vida,
verás que nada é idêntico ao que pensaste assistir
quando pela primeira vez abriste as páginas disertas:
um livro de poemas não é mais que um sublime acordo!

IMAGENS

Suponhamos que eu sou ele que voga ao sabor do vento
pelo trágico labirinto das ruas abertas de uma cidade
construída no tempo do homem jovem e devoluto,
que as ruas surgem como emanações do absoluto,
sombras rompendo e estalidos de portas fechando-se,
que o sol é uma espada de fogo da ilustração mínima
e que a terra hesita entre um cataclismo e o amor.

Tudo se define pelas proporções que tudo toma,
uma ave nos ares é a ideia maior de uma esperança,
um rato na toca e no lodo é o declínio da civilização.

Imagens! Provera a mim poder escolhê-las sinceramente,
sem a instigação sempre premente do delírio invisual,
sem o conceito moderno de um fim para alguns próximo.
Somos todos oriundos do sexo dessa mulher mitológica
que falava com as areias da praia nos meses defuntos
e tecia em casa uma muralha de prazer e de fogos.

Lembro o mericismo redundante das primeiras letras
na memória de um adolescente carcomido pelo desejo,
as masturbações quentes que suaram os portos da terra,
lembro e convenço-me que tudo foi uma história inocente
que em noites de inverno se conta aos adormecidos da vida.

Mas não é bom sinal esta liberdade que se espraia
pelas artérias da cidade viva, um sangue é vermelho
como uma evidência não precisa de justificação precisa,
o esperma, líquido vergonhoso da sociedade nascida no ocidente,
é o melhor bálsamo para apaziguar as dores da humanidade.

Por isso não sonho nem vejo o que se passa ao redor
e é incêndio, chamas que sobem e corpos carbonizados
que descem ao som estúpido de cânticos dos cânticos,
para que a face humana fique suja para sempre,
pelo menos na recordação dos mais jovens que restam.

Eu perdi o eu quando ansiava pela revolução total
capaz de modificar a crosta podre da terra empobrecida,
ganhei um vazio que se preenche de tesão e de gozo
quando me ponho sobre as mulheres que não podem verdadeiramente
amar a força de um pénis ou o calor visceral de um arremesso.

Por isso desespero na cidade morta percorridas as vielas
ainda ontem escusas, hoje iluminadas pela energia eléctrica
que dá ao universo do homem uma dimensão de deserto nulo.

Vi a morte rondar o sigilo dos grandes pensamentos arquitectados ontem e há milénios pelos génios podres que a civilização de vez em quando pare e permite, mas os meus olhos, faúlhas de uma outra força ignota, saíram das órbitas e começaram eles mesmos a viajar através das corrupções que enxameiam as sociedades onde o ocidente se edifica e pede vingança e poderio. Percorreram primeiro o delírio da liberdade sem fumo, depois insinuaram-se no mecanismo febril das fábricas que produzem desassossego e miséria e cansaço bruto, depois vieram ao campo para assistirem ao redemoinho das velhas instituições onde a terra devia um lugar importante ao sonho do velho futuro que a mente humana acaricia desde os primórdios da era dita cristã e santa. Depois, desfeitos num pranto ainda hoje impossível, regressaram à face momentaneamente cega e pediram perdão da temerosa odisseia em que virtualmente tomaram parte. Uma vez com melodiosa luz no corpo, vi que o mundo não tinha grandemente mudado, que a exploração capital grassava ainda nos cérebros corroídos da demência ficta, que os homens se queriam ajoujados a uma ténue esperança, uma outra espécie de escravatura que não podem desmentir. Vilipendiado pelo que vi e não suportando mais a realidade, fechei-me no casulo e adormeci num longo sono de música, onde vivi, mais real do que a tumefacta visão do despertar, a alegria de um orgasmo infinito na cama ladeada de mulheres que conheciam o preço do prazer e faziam do corpo um altar para a celebração do destino isento e do começo eterno. Gozei como um achado as linguagens da carne vivificada, chorei de desejo e acerei os dentes ao contacto nefasto de uma memória que teimava entrar no meu sonho perdido. Novamente confrontado com o real pulei do leito sábio e vesti os meus olhos outrora corruptores do desejo, levantei-me e segui os caminhos que se alinhavam diante da minha sensibilidade e da minha vontade nítida. Era como se fosse uma cidade sem homens, como um deserto pleno de brilhos seráficos onde uma civilização antiga dizia a altos berros a inanidade do homem animal, era o trágico fim do meu insuportável exílio na terra.

Atingida a reflexão no seu recesso mais premeditado
é difícil depois regressar ao ponto de partida,
um dito e um achado são as manias futuras que o homem
engravidará no seu isolamento de animal superior,
pelo menos é o que me diz o sentido maior e invicto
da civilização onde se vive o espasmo e o delírio quente.
Não um falo ou uma simbolização heterogénea da arte amante,
mas antes a voz pela primeira vez liberta dos entraves
que a fecharam durante séculos na prisão do medo,
a voz erecta e possuída de uma força mágica e tenebrosa
capaz de erigir a humanidade dos escravos ao sonho aberto.
Um destino é, bem no fundo, uma conquista de deuses velhos,
mas o gozo, espiritual ou carnal, define o homem novo
que, se ainda não existe, paira já em frente, acenando
delícias e promessas que só a cegueira pode negar.
Mas é um facto que os olhos desertaram a terra víscida
e não pretendem assistir ao milagre teratológico de uma vida
mais fecunda que o ventre timorato das virgens ignóbeis.
Há os sentidos, espalhados pelo mundo para detectarem
razão e discernimento onde houver uma casa despovoada
pelo sofrimento que pulverizou a família que trabalhava
ódio e um desprezo só igual ao sol que ilumina a estupidez.
Creio mesmo que nada se poderá inventar antes que a luz
não seja um apêndice real do homem sábio e construtor,
convenço-me por vezes que uma fuga para a frente
é a única maneira de vencer o medo que nos definha os nervos,
como essa aranha metodológica que os professores néscios
pretendem impor aos alunos saturados de civilização velha.
Sim, dizia-me ainda ontem um amigo que se perdeu na loucura,
que fazer quando nada se quer fazer e a inacção demora
nas fibras da sensibilidade incapaz de paz e devoção?
Respondi-lhe que havia duas vidas bem diferenciadas:
a que vivemos num quotidiano datado pela mediocridade,
e a outra, aquela que se veste de brilhantes desígnios
para atrair o homem lúcido e liberto dos fantasmas jovens
que corrompem a inocência assim como a fatalidade histórica.
Sorriu e sem dúvida achou estúpida a minha explicação.
Ele, coberto de trevas e de indiferença, sorri de tudo
aquilo que padece de rectidão e de uma ordem obsoleta
que teima a todo o custo reinar ainda sobre os homens.

Loucura é uma pátria para todos aqueles que a insatisfação deteriora com as práticas velhas de uma realidade isenta. Um país no pátrio país onde nascem as esperanças falhadas ou os convívios sedosos com doutrinas que trazem seca sobre a terra dos homens, que o húmus, animalidade recente, compõe-se de decomposição e de merda, para que fértil seja o pensamento do futuro que espera a eclosão da felicidade.

Loucura é o lugar por excelência do prazer visionado assim. Uma espécie doce de morte para quem é incapaz de rotina, um canteiro onde as flores crescem para dentro e para baixo, uma monstruosidade que dá razão ao ordenado caos do universo.

Amo, devo dizê-lo, a ideia de um outro lugar algures no possível, terra do sono como dos corpos que se deitam e descansam, onde a água flutua na água e o ar beija as faces jovens das mulheres nuas que bordam os rios tentaculares da vida.

Vivo como se para aí fosse viver quando acabar as penas que me ligam a tal martírio que é sem dúvida o quotidiano nestas sociedades sem inventiva nem ousadia tenaz para vencerem quer o tédio quer o suicídio das almas.

Um lugar novo, protegido das intempéries que avassalam o mundo e os seus órgãos do nefasto poder, uma terra capaz de receber o esperma que é a semente feliz do corpo, um descanso onde o espírito pode volver à carne redonda e as ideias exemplares suscitam a outra face do enigma.

Loucura é esse ponto inusitado de uma história inumana que tem vindo pelos tempos fora a massacrar o desejo níveo de fuga à morte como à inacção que paralisam os impulsos. Um recanto de paz na confusão ideológica da nossa época, um brilho onde todos os desenhos campeiam e se acasalam para significarem não só calor mas um destino estético.

As coisas perdem-se quando o homem se engana de caminho. As filosofias teimam em apresentar a razão como maior. As artes dividem-se entre a ociosidade injustificada e a medíocre projecção de uma mentalidade tumefacta.

Loucura é o novo porto que traz a ausência de bálsamos para que o homem possa sentir em si uma grandeza trágica que o eleve ao frontão inóspito onde outrora viviam deuses corroídos pela ousadia dos sinais operantes que infestam maldosamente ou não a terra cheia de furor e de insultos.

Loucura é um exílio que traduz a felicidade impossível.

Violência é um aporismo relegado para os confins da estética. Sem pensamento só o simulacro de uma beleza pode ressuscitar no homem empedernido o êxtase mirífico e a ausência de peste. Não como uma certa escrita que se diz saída dos infernos leves da alma estranhamente estagnada, mas uma flecha indicando sorte no esplendor da terra calcinada pelos voos de balas infectas.

Violência é um nome de guerra sopesado pelas gramáticas breves de uma contemporaneidade insuflada de medo e de pusilanimidade, um esgar que abrevia a morte daqueles que nunca sentiram a perda no corpo conceptual que galvaniza o esdrúxulo renascer da aurora. Mas, e sobretudo, é preciso dizer que nada se define pelo desafio contrário aos destinos da humanidade que se reconhece culpada e padece de um orgulho que nem a antiguidade consentiu aos deuses.

Violência é um espasmo de vontades antagónicas na mentalidade daqueles que sofrem a miséria e querem vividas manifestações do coração como faculdade capaz de vencer o impasse redentor.

Escrevo assim porque não sinto em mim a aparência de força que sobe e desce nos vasos comunicantes que outrora floriram nas poéticas europeias e nos fiascos maiores da arte sobrerreal.

Escrevo com a sensação de não ser eu que dito a mim mesmo as frases que eclodem como irrupções de uma violência demoníaca, embora não seja minha a pretensão de amedrontar os sábios olhos. Sim, miasmas e meios inconfessados deslizam pelas áreas vazias de uma necessidade de paz e sossego e subtilíssimo desprezo.

Compreendo mal a existência do mal e aufiro no bem impossível essa visão total que tal como um castigo do ausente se introduz na ideia que se faz do moderno como augúrio e veloz génio amante.

Não dou nenhuma importância ao eu que fala e escreve e profere as asneiras outrora vituperadas pelas construções mentais, pelo contrário, sinto-me terrivelmente solidário da solidão que purifica o homem da canga e o eleva ao ciclo redutor da luz.

Certo é que o amor como entidade física e devoradora reaparece como uma exigência fundamental na filosofia que se cria hoje sem o respeito pelo passado ou pelas vicissitudes furadas daqueles que espreitam o erro sem se aperceberem que a verdade é um gratuito garatujo da maldade inerente ao homem inumano.

Mas há, no sonho como na esperança, uma casa onde brilha o arrebol e onde o sol nasce e vive e morre para que tudo seja possível dentro dos limites que a necessidade impõe à criação poética.

Puro estrabismo da estesia moderna este fungar
malevolente que se espraia pelas produções poéticas
e exige do leitor que é um homem o vil desprezo de si mesmo,
quando o essencial está ainda para ser jogado no arbítrio,
assim como no declínio de uma ideia que se fez do homem.

Aí, no puro declive que incita a imagem a explodir,
vive, como uma sombra demais arquetípica do impossível,
o meu desejo e a minha odiosa fealdade colmatada
pelos vícios e pelos truismos que fazem parte do mundo.

Aí, sou um puro espírito na pura matéria fechado.

Como outrora, quando se liam os livros antigos
que estropiavam a mentalidade dos clássicos amigos
de uma verdade incestuosa porque inerente ao sonho humano,
viver como uma pluma que escreve mentira e arrojo mental
na maior sensibilidade que até hoje viu a urgência da luz.

Mas tudo se transforma numa hesitante metamorfose do delírio
quando as palavras, em vez de fugirem, surgem independentes
e impondo um ritmo que não sou capaz de seguir, cansado
de tantos sentidos que me assaltam em sangue vermelho.

Virgem, dizem-me as horas, virgem é o simulacro da morte
que te impede de viveres a existência como um gozo perpétuo.

Sei que não vislumbro uma razão para dizer o que me vai na alma,
mas o desejo de sair de mim é mais temerário que a vergonha
e caio na armadilha de uma desnecessária razão imperdoável.

Confesso que não sou eu quem escreve estas palavras assassinas.

Outro que não me vive vive-se de delírio doido e de fantasia,
instiga a imagem a irromper com um tesão digno da monstruosidade,
acalenta a visão espúria de um universo despovoado e isento.

Mas, por mais só que me encontre, sei distinguir em mim, que sofro,
a voz que me nasce nas trevas das entranhas e o horriísono som
que me preenche quando o vazio é um atavio da mediocridade.

Sofro tudo o que é dado viver ao homem que sou nas encruzilhadas
taxadas de sensuais sentidos do perecível, em tudo morro novo,
como uma flor exangue que vê o sol e não quer beber a água.

Sonhos os passos dados nas areias do mundo eclipsado da memória,
as minhas palavras são cicatrizes da vitória sobre o mundo,
e em mim mesmo coincido com o que contenho: esta história humana
no seio quente de uma ousadia que pede vingança e amor e carne
para que se realize o desejo e o espírito viva luz e encanto.

A imaginação infrene é um pequeno desgaste da alma:
colhe-se no azul celeste a mentira de opções ultrajantes
e deseja-se na terra uma ordem que ligue as entranhas.
Não é por acaso que a dor nasce do estupor erodente
que se espalha pelos sentidos que o homem não cultiva.
Mas é por acaso que se morre na vida quando o amor
não vislumbra uma casa onde o corpo seja amigo da alma.
Não pretendo dizer as razões que me levaram ao Nada.
Sei que não permaneço jamais imóvel no estático,
mesmo se esse paradoxo parecer evidente ao leitor.
A minha arte, dizer o indizível com as palavras do presente,
não é um privilégio do talento ou dos deuses timoratos,
nem tão-pouco uma necessidade como comer, dormir e foder.
A minha arte é justamente não ser arte e fingir-se útil
quando contém em si os gérmenes da derrota e da destruição.
Não acalento a esperança de mudar o mundo com verbos pobres
que não domino nem quero esdruxulamente dominar o mundo.
Sou outro, um espaço a ser percorrido, humano como o inexistente, vadio
futuro pleno de contradições e de sublimes leviandades.
Difícil é caminhar ao longo da estrada prenhe de conflitos
e de homens que, cegos pelo amor ou pelo ódio, varejam a sorte
com choros indecentes ou risadas que atingem a mediocridade.
Aqui vou, eu que escrevo e não sou o mesmo que vive a inspiração,
amparado pelo calor de uma esperança proporcional ao castigo,
vendo em cada passo que dou a ausência de segurança e de abrigo,
mas sereno como uma perplexidade que se devora as entranhas.

Fosse pois possível perpetuar o período do verbo real.
Mas a cidade onde pelejam as vontades dos homens minúsculos
gravita em torno de um sol que queima os laços do carinho
e seca os rios do murmúrio e dos gemidos da jovem amada.
Não saber é um crime que me dilacera, e não ser essencial
desfaz-me como uma poeira do provisório orgulho humano.
Não temo o choro dos desgraçados que conhecem a maldade
nem visualizo na terra um paraíso saído da estupidez larvar.
Quero gravar o nome do fogo na indiferença que estagna o aceno
a uma vida maior e melhor que jaz, tal uma possibilidade treda,
no horizonte que cresce como um degredo e cerca a sensibilidade.
Mas a imaginação não é a saída do dédalo nem a palavra maior:
Aparente fulgor da inteligência afasta o homem da realidade.

Vagueante barco que sobre as ondas maléficas do tempo
murmura os ruídos das vagas que o lambem sem amor,
veloz corre e no silêncio das águas naturais cria
uma pessoal expectativa desmentida pelo naufrágio.

Há palavras que valem um reino se ainda fosse possível
dizer hoje uma tal frase eivada de obsoleto orgulho!

Sim, no barco que voga vai o mito contemporâneo do ocidente
que se fez civilização para adormecer depois do parto.

Monumentos do absoluto jazem como esgares e peripécias
na história que perpetuou as potências do mal e do bem.

Um raciocínio é esse limite onde o homem cultivado apraz
distinguir o pobre do rico e o culto do desgraçado.

Um riso em tudo o que nasceu da ideia espúria de superioridade.

E um choro nas noites medíocres onde a solidão recolhe
os homens e as mulheres nas casas desprotegidas da alma.

Quantos de vós, leitores deveras casuais de causais poemas,
estarão à altura de sentir uma sensação ou um orgasmo?

Não brinco nem falo a sério. Pergunto simplesmente no complexo
redemoinho da sensibilidade dita moderna e já datada.

Digam-me, vós que tudo sabeis, quantas mulheres vindas ao mundo
gozaram dignamente de um orgasmo da carne sacrificada?

Quantos soluços, fora a morte, foram mais reais que a mentira?

A miséria é um facto pessoal que vivo como se transportasse
no meu rosto um escarro sádico de malevolente perturbação.

A solidão é este histerismo incapaz de arte ou de solução.

A queda da esperança traduz-me as leis do capital nefasto
nas suas explosões de exploração e de investimentos amargos.

Onde, em tudo isso, o homem refeito pela alegria e pelo amor?

Só carcaças e velharias no sítio propício ao derrame anímico.

Nem um só indício dos míticos outros que galvanizaram a vida
de homens como eu que queriam na terra o reino da liberdade.

Medo, dizem-me alguns espantalhos profeticamente alvorocados,
medo é o que sente o homem corrompido pela magia dos objectos,
um medo mesquinho e sem carne, afeito ao rebotalho do coração
que não sabe distinguir o importante do gostinho acidulado.

Mas há ainda quem escreva e queira voronoficamente destruir
as leis do suicídio transparente assim como a ordem fétida
que empalha o desejo e o prazer, olhadelas do absoluto humano
na totalidade sangue e carne e espírito que compõe o mistério:
ser, ser homem, viver a terra florida e a comunhão do desengano.

Não tenho dúvidas que só o sangue poderá mudar a vida
e evitar a anquilose que rodeia a vil efemeridade do verbo,
como sei, embora não possa explicitar em poemas jovens,
que só a minha vida é capaz de restituir ao real sonho
e ousadia na prossecução de um ideal feito de carne e ser.
E porque estou consciente dessa minha anti-missão povoadora
colmato os meus arremessos de génio com súbitas palavras
toldadas pleitoriamente pela impureza de uma visão ingénita.
Não creio na eficácia da morte como prevenção do desatino,
nem quero sujar as minhas mãos com estranhas necessidades
onde os fins dizem justificar os meios e os meios são prisões.
Aberto pela fenda que me anavalhou o ser devido à experiência,
recebo todas as informações do exterior para que em mim
se acasalem com os resquícios amontoados de memória activa,
e para que desse conúbio terrestre nasça a outra dimensão:
amor, embora seja um sentido velho como o destino da tradição,
é ainda a chave para a felicidade, mas um amor de corpos
e almas, sem preconceitos nem regras a comandarem o sentimento
dos homens rejuvenescidos pela irresponsabilidade redentora.
Há limites que surgem como clareiras do nefasto absoluto.
O caminho deve evitar os gritos insulsos da inoperância,
assim como as profecias antiquíssimas que só existem no mundo
para acorrentar a liberdade ao mito de uma fatalidade nodosa.
Quero pois que a minha amizade seja uma paralela da existência
futura que galvaniza os cinco sentidos do homem empobrecido,
como pretendo estabelecer doravante em cada poema uma luz
que floresça como um brilho de inteligência na terra calcinada.
Todo um subtil anti-programa nascerá dos corações cansados
de guerras onde o genocídio e o fraticídio compõem hinos
ao furibundo deus da carnificina que o capital desenvolve.
Nada de casas onde se abriguem os tutelares caprichos
do egoísmo, mas uma civilização de aberturas para o infinito,
tendo como ponto de partida os dois sexos que significam:
o pénis em riste e a vulva protegida de nebulosos escuros.
Não pensem que é uma utopia o orgulho visceral ou o sonho.
A realidade pede a todo o momento invenção a um homem ignaro
que não está à altura de acções e pensamentos que povoam a terra
desde que a mitológica faísca irrompeu no cérebro humano
e um homem nu desceu a correr a montanha escarpada, dizendo:
encontrei, encontrei, tudo é simples como um beijo: a vida luz.

Porém um dia reaparece novamente o intruso pessimismo na sua forma mais enevoada e perigosa, trazendo consigo uma visão do mundo que a experiência sofrida não pode negar. E solitário, o choque do mundo perdido em guerras permanentes empurra o sonho para os confins do imemorial desejo latente.

Então é a hora de pegar nas garrafas antigas que jazem mornas nas adegas esquecidas da sensibilidade para que o vinho aqueça o espírito destroçado pelas lágrimas da intemperança. Tudo adquire um outro sentido quando já o olhar desprende insegurança e enófilo destemor, as distâncias distanciam-se, as vozes populares entram no clima do fogo que queima a razão e os actos mais fiéis ao pensamento da liberdade atraiçoam.

Depois, a dor, da cabeça e do corpo, o remorso moral assaltando as fortalezas reumáticas da alma devorada pela negridão: nem o silêncio é capaz de acariciar as longas metamorfoses. Mas o homem é uma raiva no seio medíocre das realizações. Um ódio que abre a todo o momento o caminho da liberdade, para que o futuro seja cada vez mais novo e mereça amor. Um amor puro, isto é, afeito a todas as naturezas do humano. Para isso tem-se que calcorrear as estradas poeirentas do declínio e suportar a onda negra de viscosidade mental que é o pessimismo, monstro de mil cabeças nas horas mortas. Com a revolta, entidade noviça, com a juventude, eternidade leve, constrói-se a casa mítica do absoluto como materialidade onde o diário gesto simplifica as noções exactas de um acordo. A felicidade é um abraço entre duas carnes que se extasiam frente ao esplendor de uma paisagem interior que o ócio feliz proporciona aos que trabalharam o mundo na edificação futura. Por isso existem as palavras que perdem e salvam, massa telúrica onde um espasmo epistemológico dá vida ao sorriso radiante de uma criança que prevê o nascimento sempre renovado do sol. Outros sabem como fazer amor com este astro vermelho, e dos rebentos de uma prole já numerosa cria-se a geração que povoará a terra e os seus recantos de sonho e sofrimento. Uma outra dor, para que o homem não fique insensível ao fora. Mas isenta da corrupção e do brilho nefasto da exploração sobre o semelhante, uma dor onde a dimensão perdida do universo surgirá para que a vida pese no roldão anímico de uma aventura sem precedentes na história fictícia da humanidade escravizada pela ideia do lucro e da fortuna como contraponto da miséria.

Não quero falar na manhã em termos de aventura,
mas desejo testemunhar aqui a alegria de ainda ser homem
e de me sentir tocado pela luz que o sol irradia sobre a terra.
Inundado de simplicidade, que não é o pão nem o vinho de hoje,
escrevo inocentes poemas do instante que se prolonga
como um orgasmo que dura os segundos imemoriais da carne.
Sou feliz só por compreender que a dor e o prazer existem
na vida absurda de haver um começo e um fim onde perecerá.
E leve, aprofundado à superfície luzente do meu corpo opaco,
onde as ideias eclodem como instintos e as sensações do fora
adquirem dentro uma grandeza que me preenche a alma e o sonho.
Não sei falar do matiz nem do calor desta luz que paira solene
na manhã silenciosa, o fim de agosto é esta realidade cristalina
que se apodera dos meus sentidos para que estes perfaçam
a melodia de uma comunhão entre mim e a natureza.
E mesmo sabendo, ou tendo perfeitamente a consciência do engano
que acalento e acaricio, rio-me de contentamento e de ilusão.
A vida é, imperfeita necessidade de razões para ser vivida,
nasce e morre no animal que somos e a fabrica, esconde-se
da inteligência que tenta captá-la para desmembrar num ápice
os seus mistérios e os seus enigmas, pão que alimenta a poesia.
Nunca conseguirei aproximar-me mais do indizível que está.
Só que procuro estender ao máximo este limite do conhecimento.
Por isso me desfaço em alvoroços anímicos que galvanizam
a hora em que me perco, por isso abro a minha sensibilidade
ao mundo que obediente reduz o simulacro e diz a verdade.

Sereno e desmedido levanto-me para o dia insuflado de amor
e espairo o meu corpo como livre elasticidade no curto prazo
de um bocejo que nasceu ainda na noite nutrida de desejo.
A casa redescobre a azáfama e as vozes familiares irrompem
através do sentido eterno que dou ao alvorecer humano.
Saio para o terraço e vejo com olhos despertos o sol matutino
perfilado no horizonte, o azul do céu que se pinta na tela
com uma vivida vivacidade que só um pintor de génio alcança.
Apetece-me executar todos os gestos patéticos de um passado
onde a simbologia da profundidade atingia o heroísmo da frase
dita com convicção e como se fosse mudar o curso da história.
Um hino ao sol, penso, como outrora nas velhas civilizações,
de agradecimento e de admiração pela natureza que não morre.

Uma poesia determinada pela pulsão incógnita do ritmo
que transfere para a lua ou para as águas do mar o mito
de uma pletera onde luz o silêncio reverberado da magia
que no pensamento futuro terá uma casa e um porto de abrigo.
Versos enriquecidos pelo sofrimento de anos perdidos no exílio
quando a vida parecia para sempre atingida pelo cataclismo
de um pessimismo sem segurança nem salvação possível.
Hoje escreve-se com um certo amor a finalidade única do absurdo
que dita as regras e as máximas que ninguém segue nem acata,
os dias prolongam-se como suaves estações onde o sol e o mar
significam um nascimento ou a imponderável necessidade de paz.
Ficou para trás o redemoinho de desassossego sem família,
o medo que se arvorou em momentos de loucura ao suicídio,
a solidão onde a mulher era um engulho de estupidez ignorante,
a revolta que culminou na saída abrupta de um país fictício.
Claro que outro medo, outra revolta, outro desassossego
e talvez a mesma solidão permaneçam com outro sentido:
algo mudou na inclemência do meu destino e sei que fui eu.
Rejuvenesci das cinzas calcinadas pela imagem da rotina anímica,
cresci dentro de mim até alcançar o ponto maior da miragem:
aí, sítio por excelência da felicidade dita impossível levanta-se
o estranho e espúrio monumento que ergui com sofreguidão e alma:
Nada é a soma da experiência que o homem acastela na memória.
Perdi sem dúvida aquilo que possivelmente acharei um dia
numa rua escura de uma cidade europeia, quando os últimos fogos
se apagarem no interstício da mentalidade moderna que exige
conforto e nevrose ao calmo entenebrecer das relações humanas.
Não é uma risada o esplendor que outrora surgiu do sonho.
Nem é com choros mais ou menos sentidos que se poderá dizer
as palavras essenciais que queimam a língua demasiado podre.
Tentativas mil quantas as necessárias para que o inventor
como o presumível leitor se apercebam que andaram muito perto
do mistério inviolável sem contudo conseguirem proferir o nome.
E para quê? Superficial pergunta a que não exige uma resposta!
Para quê o bom dia que se diz ao amigo ou à mulher que se ama,
para quê as precauções egocêntricas com um filho que nasce,
para quê os cuidados com o sexo que demanda maravilha e desgaste,
para quê o diálogo contínuo com o real como grandeza humana?
Buscam-se as razões nos encontrões da existência periclitante
para que a vida surja mais justa e portadora de uma novidade.

Imaginem que quem escreve este fragmento achado no livro
é uma pessoa sem inteligência ou sensibilidade apurada,
que as palavras escritas são verdades pressentidas,
como evidências viscerais que culminam na confissão da alma.
Mais do que o espírito que se pensa e desenvolve um raio
de acção superior ao do bracejar erodente do corpo activo
é a aventura de um homem confrontando o Nada e o Tudo,
com os poucos sentidos que lhe foram doados aquando da vinda
a esta terra que sofre as injustiças de uma humanidade dividida
entre o sofrimento que é a miséria e a irresponsabilidade
que veste as cores de uma riqueza espúria e altamente negativa.
Imaginem então essa aventura: dizer o que jamais foi dito,
para que tudo avance empurrado pelo desenrolar do espírito,
para que a felicidade seja finalmente possível no globo,
para que a confusão das guerras acabe de uma vez para sempre,
para que o homem saiba e possa gozar a sua natureza humana:
nascer quando a mãe o pare neste desconforto frio da vida,
crescer ao contacto de um sol e de uma histórica civilização,
amar quando a idade atinge o produto híbrido do esperma,
envelhecer nos confins de uma memória que catalogou tempo,
morrer enfim cercado dos próximos que acarinhou na alma lassa.
Imaginem que tudo já foi mais do que dito: repetem-se as frases
celebrizadas pela cultura, pintam-se com outros declives o mito
de que se avança na senda do incógnito e do bem jamais possuído,
compreendendo o progresso como a maior manifestação mental
de uma necessidade criadora inerente ao impulso da inquietação.
Como pois escrever sinceramente o que não existe nem se imagina?
Aventurando-se o discurso poético na loucura que tem sido limite
das possibilidades humanas e porta fechada das sensibilidades,
inventando uma linguagem virgem porque demasiado ambígua,
que ao dizer tudo revela apenas a sombra nefasta do Nada,
nossa porto intangível que clama e nos chama com voz amena
de sereia nascida para encantar os homens perdidos no tédio.
Imaginem que sou um outro homem, vindo do não sei onde
e indo para o não sei onde que forçosamente não será o mesmo,
que os meus pais não existiram ou encarnaram na pele humana
de um casal inscrito na sociedade que parodia a ordem terrestre,
que trago comigo todo um mundo inacessível ao pensamento,
uma sensibilidade nova como a inexistência do que virá amanhã,
e que o que escrevo resume brevemente o brilho de uma esperança
que sem mim os homens nunca possuiriam no remoinho das entranhas.
Imaginem por conseguinte que sou recente e que a palavra é poética.

Por fim, e depois de tantos anos debruçados sobre a inspiração, chego à finíssima conclusão de que um poema é um campo de batalha onde as palavras expostas à mendicidade e ao declínio agem como guerreiros da sensibilidade e produzem um espaço poético só equivalente ao curioso clima onde o homem evolui.

Claro que não pretendo desmentir as correntes de fluxos que redemoinham dentro de todos os possíveis sentidos textuais, direcções e falsos alarmes, corrupções da realidade traumatizada no drama de sempre que é a ousadia de escrever vida nas palavras. Mas um poema, como o concebo sobretudo hoje, é uma liça estranha onde certas palavras surgem com uma determinada força que faz das leis do universo uma razão plausível da estética. Talvez contudo me engane. O dito desdobra-se geralmente no não-dito, e por vezes a ausência é mais importante e expressiva que o alinhamento casual das palavras ágeis: fica-se com a impressão de que algo se esconde nas entrelinhas e sem dúvida é isso o que interessa reter na análise inocente: de que as palavras não são sempre fundamentais para se dizer, e que um silêncio ou um vazio pode traduzir mais informação do que páginas a rodos preenchidas de paixão e de delírio.

Mas queria ir mais longe, como afirmar, por exemplo, que um poema às vezes vale apenas por conter em si três ou quatro palavras que formam no interior poético linhas de força onde a inteligência sensível ao sentido encontra a saída de um dédalo ou a chave ignorante de uma porta que abre para o simulacro de um mundo diverso daquele que o leitor vive quotidianamente.

Não se pode negar o mistério de se pensar ter atingido o real apenas usufruindo de um dicionário prenhe de palavras da língua que nos viu nascer e percorrer os caminhos cegos de uma infância e de uma adolescência para chegarmos ao ponto culminante do ser: exigindo a reflexão sobre o mundo na questionação claudicante que nos impomos como seres que saíram e voltam ao Nada enigma. As perguntas brotam então e perfilam-se sem uma resposta única, estranhos mimetismos de uma odisseia dita intelectual hoje que a civilização é ainda ocidental e não pereceu no cataclismo, que amanhã será considerada, essa odisseia, puramente vivencial, isto é, tomando raízes na totalidade harmoniosa do homem vivo.

Cada vez é mais importante dizer simplesmente a complexidade do turbilhão de vida onde vivo e bracejo, para que o dito seja o fiel espelho inocente de uma realidade que se vive dependente, pois estou convencido que a ideia de liberdade não contém em si toda a extensão de problemas que afligem o homem lúcido, nem é exacta a não ser como pretensão pragmática do nosso tempo. Vive-se rodeado de todas as forças que o universo engendra, movemo-nos dentro dos limites de um espaço confrontado pelo corpo, aprendemos as leis do já sabido como resultante da experiência, pretendemos colmatar estranhos vazios com uma vontade exemplar. Resta saber cautelosamente se conseguimos os fins procurados, ou mesmo se é possível, no estado actual da civilização, descermos aos confins dos actos que alardeamos como fruição de uma liberdade jamais questionada ou até posta de prevenção. Penso que, felizmente para o comum dos mortais, nada surge problema no estreito corredor dos hábitos alicerçados pela educação, em que se exige do homem uma funcionalidade irreprimível e uma saúde física capaz de suportar as intempéries diversas para que o trabalho, dentro e fora da sociedade, seja feito. Confesso que me perco conforme os anos decorrem sem revelações nem descobertas capazes de me darem um outro sentido optimista, sinto apenas que a carne envelhece nas suas manifestações, que sou olhado como um homem que já tem a sua pequena história, mas não sinto, e isso deixa-me desassossegado e irresponsável, a paz tão almejada ou, se quiserem, o embotamento digno da morte, para que os meus dias nasçam com as cores do diáfano desprezo pelo mistério que nos cerca e nos chama, terrível luta inglória. Vou paulatinamente escrevendo o que me acontece, verdade fingida e mentira verdadeira, nos papéis de hoje que me cabem, homem sem o cognome esporádico e divino de Poeta, desconhecido da arte e daqueles que a frequentam em êxtases de uma convenção ignara, ignorante talvez, embora não esteja certo, do esplendor fulminante que galvanizou todo o artista elevado ao pináculo do sublime pela intuição mirífica de uma sensibilidade concordando no Tempo. Pessoalmente acho-me em clivagem com as instituições felizes que graduam sadicamente a sabedoria e o domínio do conhecimento, discordo plenamente das concepções modernas sobre a época que outros homens acedidos ao prestígio da cultura uniformizada propagam nos seus livros vendidos em largas tiragens de tédio. Por isso, cada vez é mais importante dizer simplesmente a vida.

Com incoercível alegria, mesmo se não for essa a palavra,
escrevo, agarrando cada palavra com um amor extraordinário,
lambendo-a e acariciando-a para depois depositá-la no papel
que recebe arcaicamente os mais diversos sentidos do actual.
Assim realizo o meu sonho de possuir uma matéria exterior
como se fosse parte das vísceras que comportam as entranhas,
por mim passam esdrúxulas palavras perdidas na indiferença,
outras que são diariamente usadas nas conversas falhadas,
e todas elas renascem brilhando com uma dimensão nova:
só o amor pode rejuvenescer quotidianamente a vista cansada!

Julgo por vezes que entre mim e o dicionário deve existir
um contrato, uma aliança irrefutável, um segredo fecundo.
Vivo literalmente a eclosão de cada palavra que brota
do sei lá de onde, vibrando de destemor e de contentamento,
como se em mim se escondessem milhares de filhos inatos
que vez por outra saem de casa para enfrentarem o universo.
É um sentimento sublime, uma espécie de parto, uma maternidade.

E mesmo quando estou arruinado pela confusão do mundo,
com os nervos despedaçados e a intuição desfeita no dentro,
quando a vida parece querer devorar-me na loucura precoce,
mesmo então escrevo com alívio e alegria os poemas falsos
que desfiguram a face terrível da terra, assim como o meu orgulho.
Longamente escrevo, as palavras saindo de mim que duvida de mim,
longo poço sempre cheio de amargura e desesperança e fel,
a raiva nos olhos que vêem o poema alongar-se de insentido,
o desprezo na qualidade medíocre de uma exalação de alma fétida.
Não conseguir, por vezes, é-me mais caro, como criador de absurdo,
do que alcançar a humana perfeição de que os leitores são avaros.
Dizer, escrever, tudo e nada, ou o tudo no nada, implacavelmente,
sem pretender atingir a divindade ou o reduto fingido do herói,
mas escrever sempre o mundo e eu, estranho conúbio inalienável.

Com alegria agora dito a mim mesmo certas reflexões sazonadas,
apaziguado dos temores que por vezes me assaltam com escárnio,
vozes espúrias que me afirmam convictas que nada vale a poesia
que vivo no trabalho afanoso com as palavras da língua mátria, recebendo
como recompensa adiantada este tumulto de alma nova
que se refaz das intempéries e consente uma paz sem mais nada.

Através dos ares voa sibilino o olhar humano infindo
como uma estranha ave nascida do impulso e do equilíbrio,
cortando o azul que mente e trespassando os ventos
que passam seguros como silvos repentinos da demência.
Pária do instinto voa longe, no sítio da alta montanha
ainda ontem filosófica, hoje já esventrada pela civilização
que a todo o custo quer progresso e fábricas e produção,
sem se preocupar o mínimo com o destino do homem que escraviza.
Paira em suspenso, as asas libertas de toda a ideia de castigo,
e volita ao sabor icástico das correntes que sulcam medos
na pele estarrecida pelas alturas que o sol já queima.
Um olhar de hoje, inocente invenção que o poeta desconhecido
nunca soube forjar nas suas explosões onde o divino surgia
para datar o quotidiano e as relações com o real desperto.
E voa, elevando-se sempre, temendo contudo o surto específico
da ambição, vendo longe cá na terra o labirinto dos homens,
as asas batendo com uma força digna de ser historiada,
o ser criado há pouco na imaginação que se vinga do tédio.

O século apodrece lentamente no sigilo guardado com devoção,
homens há que rezam longas orações ao simulacro de um deus,
outros deitam-se a dormir para que a digestão se faça leve,
e a maioria da humanidade não sabe como acabar o delírio
onde a guerra mata e genocida, o sistema trabalha na sombra
as consciências mais evoluídas e corrompe o sentido da liberdade
que fora apreendido na experiência da fome e do sacrifício.
Mas através dos ares fictícios que a mentalidade moderna aceita
voa um inviolável pássaro que faz circuitos no azul maculado
e grita vitupérios e delícias como se quisesse chamar a atenção
daqueles que na terra tumefacta adormecem de embotamento.
Voz que desce e olhar que sobe encontram-se num ponto incógnito
onde a comunicação é grande e onde o comércio das sabedorias
dispensa a cultura ocidental como foi aprendida nas escolas,
o destino surge como uma emancipação que teme o seu futuro,
uma música que salva as aparências encobrindo o mal-estar amargo
que invade as células anímicas dos homens perdidos na demência.
Mas voa, sempre solitária e sempre sibilina, a ave do desassossego,
monstro com olhar humano e corpo de tumulto, predizendo queda
sobre as cabeças timoratas e ocas dos cidadãos deste mundo
que não se encontra e faz crer que se rege com as leis absolutas.

Díspares sentidos do invisível percorrem cordatos
as frases escritas com palavras vulgares do tesouro,
como lâminas de uma outra realidade cortando almas
para que o futuro seja mais ameno e digno do homem.
Truísmos de outrora, que adquiriram com o tempo
uma novidade só igualada pela intuição poética,
surgem no diálogo com um horizonte que se perfila
diante das sensibilidades com olhos de génio.
Espasmos anímicos perfazem a corrida para o absoluto,
mostrando até que ponto está corrupto o trabalho
do homem que se deixa empolgar pelo dinheiro avaro
que compra honra e conforto na sociedade do crime.
Sibilinos esgares definem como uma matemática
os enganos que sofre a adolescência do coração
e predizem com gargalhadas de medo selvagem
o fim extemporâneo de um estado de coisas infecto.
Altos desígnios engravidam a memória subjugada
pelo constante suceder de tempos sobre o tempo,
um apelo desce ao racional iluminismo das coisas
e na perturbação do século engendra-se uma guerra.
Surtos de velhos ruídos ainda ontem espelhos benéficos
de uma ideia de paz que jaz no subconsciente dos povos
deflagram como poeiras de um cogumelo só poético
porque inocentemente devorando a ilusão no futuro.
Irrupções terebrantes na pele que a alma alimenta
trazem o fel das profundas necessidades envergonhadas
pela moral que reina ainda docemente nos reinos sédulos
de um ocidente carcomido pelo caruncho e pelo ódio.
Chamas de um fogo purificador reduzem a cinzas proféticas
os olhos e as mãos que trabalharam no nefando desgaste
de uma epopeia que gregos antes de sócrates criaram
com a elevação do ser ao pináculo altaneiro da sabedoria.
Ruínas em toda a parte fumegam com raiva e desolação
para que o resto mortal da loucura possa ver
o fim da ambição demasiado estúpida e erodente
que consistia em criar um mundo feito de cadáveres.
Palavras proféticas tecem paulatinamente o roteiro
do declínio para que amanhã um homem novo e futuro
desminta a imaginação proferida pela ignorância
que pressente morte e vazio sobre a terra empobrecida.

Abre-se uma janela e entram de roldão os ruídos suaves
de uma manhã esquecida no mecanismo alvéolar das estações,
o sol inunda a terra de um ouro talvez desmerecido
e os animais caseiros manifestam instinctivamente a alegria.
Estou vivo e novamente escrevo com desplante a tentativa,
dizer o real anímico assim como o exterior ao corpo próprio
de que falam tanto as filosofias já não contemporâneas.
Pensamentos cavam no meu peito recordações da adolescência,
mesmo se não é verdade existencialmente falando, velhas
memórias de um homem que não viveu muito a experiência
de que os antigo se vangloriavam quando não percebiam
nem estavam preparados para compreender as juventudes novas.
Ainda ontem, no café onde passo uma ou duas horas lendo livros
e vendo como espectador as pessoas evoluírem no espaço,
assisti a uma conversa entre duas raparigas que me fez lembrar
do meu tempo de liceu e da minha eclosão do casulo psíquico.
Parece que os problemas são os mesmos e nada efectivamente
mudou nos redores da moral entre pais e filhos ou vice versa.
As mesmas palavras, ditas com tesão e uma ponta de amargura,
contra as gerações mais velhas que odeiam o surto recente
e temem inconscientemente serem varridas da terra ilídima.
Durante minutos tive a sensação de que o mundo não muda,
que se repetem tenazmente os mesmos insuportáveis erros,
e que os filhos de hoje, que amanhã serão pais e avós,
não aprendem realmente nada das dores de uma adolescência
rasgada entre a revolta e a tristeza como manifestações vivas.
Ainda por cima as questões eram mal postas e superficiais,
as ideias afloradas maculadas por um pensamento embrionário
onde as palavras flutuam sem um peso definido desafiando a lógica,
que antes se considerava a arte de bem pensar discursos sérios.
De qualquer maneira revivi saudosamente as minhas conversas
com os amigos de então que eram poucos, assisti por fora
ao esboço de mim mesmo discutindo razões e pareceres larvares,
com energia e aspereza, diluídos os anos que me afastam desse Nada.
Mas mais importante do que isso, e que para meu mal não fiz,
foi a tentação de me levantar da mesa vermelha onde estava
e de pedir que me deixassem entrar na conversa interessante;
mas a estupidez da minha pusilanimidade e timidez barrou-me
essa possibilidade de trocar impressões com os mais novos.
Eu que me pensava transformado pelo tempo de dor e de solidão
compreendi a dificuldade em vencer a força obscura que trava
a necessidade de vencer o presente para que o futuro seja outro.

Esdruxulamente paciente perfaço o ciclo vivencial do pensamento que me sulcou aquando da idade adolescente com vazios e engulhos que só mais tarde pude colmatar com a ilusão de ter ido mais longe. Mas a dificuldade não está na imaginação que inventa mundos, mas antes na falta de palavras e de significações recentes para com elas criar um discurso que ultrapasse o presente: todos os dias esbarro contra os mesmos obstáculos erodentes que o ocidente paulatinamente escalonou ao longo da história. A maioria dos problemas não me dizem respeito, ser ou não ser já não é para mim a questão mais importante, e o fulcro aberto do meu pensamento comporta justamente um vazio no centro: aí quero definir uma esperança acessível a todos os homens, para que as sociedades da terra possam organizar-se novamente em bases de igualdade e de amizade, construídos novos fins para a realização do indivíduo assim como da comunidade toda. A grande luta passar-se-á dentro do homem esmagado pelo tédio que uma herança milenária enodou com o decorrer dos anos, tentativa única de recriar sobre o barro original da profecia um ser capaz de beleza e de pacacidade, habituado à companhia de outros semelhantes numa vida onde o nascimento e a morte significarão apenas duas etapas definitivas de uma eclosão, um ser liberto dos entraves quotidianos da escravatura cega, orgulhoso da sua liberdade definida pela total igualdade perante todos os outros que no mesmo lugar vivem e gozam uma estadia estranha e sem sentido dignificada pelo prazer. E só a saída do ser através de um jogo perfeito de vontades dirigidas para o silêncio, para a meditação, para o orgasmo, poderá manter o homem eternamente jovem nos limites da idade, sem que se possam distinguir a olho nu os jovens dos velhos, os pais dos filhos, uma família de outra família, comunhão essa que trará sobre a terra calcinada dos antepassados asquerosos a alegria de viver e o trágico sentido de um destino cumprido.

Penso, longamente escabujo nos mesmos limites de sempre, uma moral tumefacta e viciada pela preguiça masturbadora, convenções políticas como as organizações podres desde o nascer, a democracia que nunca foi verdadeira, o socialismo mentiroso, a ideia de um comunismo ideal que nunca se forjou um lugar nesta terra onde o egoísmo é mais forte e actuante que a sede de viver rodeado de erotismo e de amor, afastados os fantasmas que o ocidente impingiu durante tantos séculos de sacrifício.

Imagens! Quanto mais fixo o meu rosto reverberado no espelho
mais sinto que perco a faculdade de me julgar ou me descobrir,
um desconhecido eu perfila-se diante de mim e estremeço de medo,
tomado de um pânico que não se justifica nem se aconselha.

Os olhos que me vêem não podem ver quem sou nem onde estou:
deve haver um mistério entre mim e o outro reflectido eu
que permanece silencioso olhando-me com olhos de febre amena.

Imagens! A ilusão de que se desvenda o real! A teimosia redentora!

Outros sentidos do inefável cruzam o meu espaço do sonho
e perplexo assisto ao erodente vazio que é mais qualquer coisa,
um pressentimento avantajado, uma sensação de fragilidade agreste,
a impossibilidade de me atingir com as pedras da razão ocidental.

Imagens! Outrora sim, lembro-me, uma mulher veio e disse-me alegre
que o mundo apodrecia e os homens morriam de morte violenta,
que os sábios não possuíam mais a sabedoria tão desmantelada,
que os filósofos não sabiam como edificar sistemas eternos,
que os cantores dos incestos intelectuais jaziam inertes

e incapazes de uma canção onde o leite fosse o líquido celeste.

Veio até mim e deixou-me no rosto glabro e decente uma nódoa
que só o tempo e a compaixão puderam iludir dos olhares humanos.

Veio e proferiu estranhos arremessos de uma profecia impossível
com palavras que não designavam nada que o real comportasse,
com sentidos incorrectos como construções de brilhos nefastos,
veio e abriu-me uma brecha no ser que começou a sangrar pus
e esperma e todos os lívidos queixumes que a humanidade ignora.

Fiquei transformado num monstro do absoluto, perdi a paz,
calcorreei os caminhos do insuportável mericismo e pude escrever
em livros ignorantes as discordâncias maiores da minha inteligência.
Sofri como um danado a morte contemporânea dos conterrâneos,
vi as mulheres abaterem-se como gado empestado pela inclemência,
assisti ao roubo das crianças que partiram desfiguradas pelo fogo
no mais barulhento incêndio que a história julgou de divino.

Imagens! A pobreza e a miséria que castigam os mais desafortunados,
num mundo que se diz à altura do homem e corrompe nele a fé
numa outra dimensão, a da paz como veículo do amor e do prazer,
e essas tribos de selvagens que se matam sedutoramente bem,
no sangue dos antepassados que prefiguram a terra humedecida,
na merda que diariamente ejaculamos como apostas do cataclismo.

Imagens! Diante de mim um oco incapaz de reter a minha vida.

O primeiro verso destina-se ao futuro arbítrio
como uma dádiva daquele que não sabe viver amor
nem deseja interromper a acção civilizadora da paz
como manifestação de um ódio enraizado nas vísceras.
O segundo traz em si uma estagnação devoradora,
espraia-se pela sensibilidade traumatizada
e desmembra paulatinamente o sublime desacordo
entre o homem de hoje e a natureza de sempre.
O terceiro eclipsa-se da visão contemporânea
e define com arrogância uma mentalidade nova
onde a liberdade não é de maneira alguma vã
nem o sentido do eterno uma velharia errónea.
O quarto diz quantas vezes se sofreu o castigo
na erosão das cidades visitadas pela demência,
instiga o leitor benevolente à luta monstruosa
contra o seu inimigo número um: a própria pessoa.
O quinto traduz bem a clivagem entre um pensamento
divorciado das realidades que se dizem presentes,
mostra o cancro como centro epistemológico de hoje
e convida o olhar para a intumescência do fora.
O sexto diviniza a força que galvaniza a esperança
quando os sentidos dispersos da acção nodosa
convergem subtilmente para o cerne da questão:
como viver a felicidade sem corrupção da alma?
O sétimo explicita regularmente o mal-estar
como manifestação moderna de uma civilização
apostada na ambição e no lucro como realização
das potencialidades inerentes ao homem moderno.
O oitavo conceptualiza a necessidade de luta
no seio estagnado da construção de uma sociedade
onde os valores serão sempre maleáveis ao desejo
que faz vibrar no coração e no corpo uma chama.
O nono acaba com o temor da mudança possível
esclarecendo com palavras justas e amáveis
as maneiras mais humanas de se atingir o fim
de uma vontade voltada para o futuro prazer.

Assim se escreve possivelmente um poema exacto
com frases onde nada de essencial se diz,
mas onde se insinua uma visão diferente
daquela que enferma o ocidente esfarelado.

Tu e eu e o silêncio nesta casa desprotegida
onde vivi num outrora impensável a ousadia de querer
sair da vulgaridade do destino humano acorrentado
para lidar com o universo e o mistério e a dificuldade.
Mais uma vez, como acontece tantas vezes na vida,
juntos inesperadamente, encharcados de silêncio anímico
e dispostos a abrirmos a caixa escondida dos segredos
que entretanto nasceram em nós como flores de um mal.
Tu falas e eu acaricio esse corpo invisível
que me dá a sensação de ter percorrido uma loucura
através dos meandros sociais e psicológicos da época,
estrano destroço balouçando ao sabor das águas icásticas.
E quando, já cansado de te ouvir, abro o coração
através da boca que sabe articular sons impossíveis,
digo paulatinamente os arremessos que a sexualidade
fabricou na minha carne esquecida do eterno apelo.
Ris como nunca e eu prefiguro num gesto masculino
o futuro que teima em resistir ao trabalho quotidiano,
a felicidade não é só a palavra que profiro,
dentro e bem fundo eclode um sentimento ignaro.
E o silêncio, nesta casa tornada unidade cósmica,
reverbera como uma nodosa música de harmonias irreais,
o mito acelera o esplendor de uma ausência grávida
e tudo se resume ao fulcro inerente à ignorância.
Os três peregrinos regressados de turpitudes e ócios,
reclusos como por acaso nesta existência emparedada,
sonhando com palavras e ações desmedidas o mundo
como este verazmente deveria ser, sítio alegre
de uma odisseia onde o humano inscreve o seu nome.
E depois há este poema que se escreve diariamente,
uma vida é o cúmulo de situações capazes de história,
um fluir da memória para a infância que não diz nada,
uma abertura imaculada para o porvir que existe em frente.
Como traduzir com ausência a presença irrefragável
de uma sensibilidade que quer mudança e paz,
como dizer sinceramente a visão matutina de um diálogo
em que o sonho desempenha um papel crucial?
Simulacro talvez de uma mentira, esta hora do dia
traz sobre mim uma luz que acalento interiormente,
falo comigo e predigo a necessidade de um outro mundo
capaz de conter a brevidade de destinos como o meu e o teu.

A tarefa quotidiana de uma reflexão sobre a vida
pode acarretar como consequência o perder de vista
dos gestos simples que o homem pratica habitualmente,
como o respirar, o soluçar e o ver, a fala transmigradora,
a acção de uns passos sobre a terra humedecida pelo rocio
nas manhãs de todos os dias visitados pelo sol fogo.

Lembro-me que há uma comunidade de homens ditos iguais
que labuta na construção de um absurdo quotidiano,
uns levantam-se e vão para o trabalho manhã cedo,
outros gozam estranhos rendimentos que a sociedade
criou com o decorrer do tempo, e ficam a dormir sono.

Eu levanto-me impuro e sereno, lavo-me da remela nocturna
e logo sinto a estuporada necessidade que me prende,
o desejo de escrever o que senti ontem ou outro dia,
em papéis brancos como a ausência ou o vazio da imagem.

E nervoso, consciente do crime que cometo e arvoro,
pego no papel isento e maculo-o de garatujos maquinais
até que o contentamento de um sentido surja e deflagre.

O mundo tem palavras que precisam de ser usadas.

Trata-se, assim o penso, não de descobrir o encoberto,
mas de fingir que o existente não merece a inteligência
para que a criação seja plenamente justificada com versos.

Um dia a arte acabará absorvida pela vida futura!

A expressão tornar-se-á quotidiana e gestual,
fará parte da rotina que trará um outro nome novo,
e a matéria será a vida, confusão de sentidos e vozes.

Para quando, não sei. Sei que algo se passa nos confins
do desejo castrado hoje pelas políticas salvadoras,
sei que um rumor nasce ctonicamente no corpo do homem
que quer outra plenitude e outros êxtases, diariamente.

Não que o trabalho, distribuição justa do que há a fazer,
por toda a gente e em todas as situações plausíveis,
desapareça e tudo se torne o tal mar de rosas fétido,
mas surdirá harmoniosamente um equilíbrio quase perfeito
entre a dor de um castigo ancestral e o prazer fordo,
para que o destino do homem cumpra uma força incógnita
que nasce como a música na interacção fictícia
do homem com a natureza, casamento desejado pela paz.

Para quando, pois, essa terra liberta dos entraves?

Terebrantemente admitiste outrora que o meu desassossego tinha origem na clivagem edificante entre mim e o mundo, que a revolta traduzia o olhar virado para um dentro que não correspondia com o que aprendia nas escolas, que a violência enchia-me o corpo e o espírito sedosos para rebentar hiperbolicamente na destruição do império que a civilização ocidental vinha sordidamente construindo. Sabes melhor do que eu quanto sofri nas imagens do ocidente quando percorri como um homem ingênuo e sedento de saber as povoações corrompidas pelo sono e pela escravidão, assististe à minha queda quando as forças me abandonaram e o patrão se apoderou do meu destino para fazer dele mais uma pedra de toque de um lucro que engravida o crime. Comigo caminhaste durante anos de um exílio desvendado onde a solidão não tinha outra língua para comunicar, sorriste tristemente do meu declínio de homem soberano e tentaste apaziguar-me com vozes saídas do engano. Hoje resta desse sulfuroso tempo de miséria ao vivo loucas memórias, recordações intempestivas que gritam sangue e vingança e delírio que dificilmente posso domar. Vivi um pesadelo que durou mais de uma noite na europa carcomida pelos brilhos e reflexos de vidros e espelhos que escondem a outra face, essa hedionda, da realidade. Dizes-me, agora que tudo passou, mas resta inviolável, que esqueça o tormento e a fúria, que invente outra poesia capaz de permanecer nas evoluções de um futuro datado, uma poesia oriunda do pensamento que se ultrapassa, feita de palavras velhas como a história dita humana mas transformadas pela sensibilidade inteligente que é um poderoso e ligeiro fruto da minha vida passada. Quisera ouvir-te e esquecer! Conseguí-lo-ei um dia, estou certo, quando os sedimentos justapostos na alma criarem uma camada de terra sobre essa ferida gasta que até hoje não se cicatrizou nem quer fechar. Até lá escreverei poemas simples como a complexidade de razões desencontradas ou de desejos contraditórios, a vida que floresce em mim é um poço de assaltos que destroem tudo por onde passam com sevícias e apelos aos quais pretendo responder dignamente como um homem.

Pacientemente vagueio as ruas despertas da cidade
com um passo calmo, olho em redor até ficar cansado
e continuo o passeio através da manhã de setembro.
Uma paz apoderou-se de mim e leva-me tacitamente
a percorrer essas ruas outrora conhecidas por dentro,
imagens que a minha memória contém no vazio lento
onde vou buscar a força que me guia nesta vida.
Sou eu quem anda e vê as pessoas atarefadas
deslizando como uma perpétua razão desconhecida,
filhos ruidosos de mãos dadas com mães nervosas
que sabem o que protegem e não desejam esquecer.
Eu que saí de mim para vir aqui dizer quanto amo
a vida concreta de todos os dias todos os sentidos,
eu que magnânimo e intrépido faço da dificuldade
uma necessidade de perseverança e um caminho leve
onde o destino inscreve o seu nome de confiança.
As casas são as mesmas fachadas de outros tempos,
os homens e as mulheres envelheceram o corpo,
os jovens desse tempo tornaram-se homens e mulheres
como frutos verdes que com o sol adquirem maturação.
Poucos são os conhecidos, os amigos da adolescência
dispersaram-se pelo remoinho da vida despovoadora,
soube que alguns casaram-se e têm filhos recentes,
outros permanecem a ideia errada que se faz do solteiro,
todos porém estão longe e eu não desminto a distância.
Portos onde permaneci, a sensibilidade e a inteligência,
as estradas poeirentas da terra maculada de progresso,
os amigos que em noites de café confessaram enigmas
e não souberam predizer o castigo que a todos nos espera.
Éramos sem dúvida eternos, que a juventude não julga
nem se preocupa com o futuro que jamais chega,
vive diariamente o desassossego de uma sexualidade
quem nem sequer conhece a brevidade da sua explosão.
Lembro-me do quanto sofri nesta sociedade maldita
que ignora ou não vê a vida florescer nos rebentos
que aspiram ao desabrochamento do Ser no corpo
e no espírito sedento de aventuras que digam futuro.
Sim, lentamente passeio os meus olhos pelo redor
enevoado de uma outra época e sinto a tristeza
chorar em mim lágrimas secas de um tempo perdido.

Quanto mais entro em mim mais me afasto de mim,
a aventura de um poço que se constrói dia a dia
acarreta demasiados traumatismos para que o fim
seja premiado com um conhecimento digno do sonho.
Por isso tento num balbuciar ainda claudicante
recorrer às coisas que existem como objectos
em torno do homem que os cria e os usa, esquecendo
que o nada também faz parte da paisagem aberta.
A matéria que acaricio no cio premente que deseja
uma mulher isenta de passado e de pecados velhos,
a matéria a vibrar em uníssono com o prazer leve
imprimido no deflagrar edificante de um corpo.
O mundo, estranho facho de paroxismos reveladores
de uma demência inerente ao homem que vai além,
mesmo quando permanece no sono e sonha assim
que uma viagem não é a melhor maneira de sentir.
A vida, entre um nascimento e uma morte, destino
que percorre as vicissitudes do acaso e da sorte,
as paragens e os portos, terras do descanso neutro,
as estradas que levam o infinito nos bolsos rotos.
O espírito que periclitava e desdobra-se em vazios
capazes de conterem a essência mesma do mistério,
nebulosa de universos que não desmentem a natureza
mas criam uma razão alicerçada no feliz percalço.
O amor que devora as almas quando o corpo exigente
anseia por explosão e desmaio no seio do outro,
um olhar rejuvenescido pela pureza transparente
de uma vontade que se quer em harmonia com tudo.
A verdadeira amizade, que é o futuro da humanidade
para que o sonho da paz e da felicidade quente
possa vingar nesta terra afeita aos crimes isentos
do egoísmo que castra no homem o desejo e o prazer.
A morte que doravante e desde sempre espreita,
ponto final na história pessoal mais vivida
que a outra feita de factos políticos indecentes,
o peso do absurdo no estertor que se despede.
Quanto mais saio de mim mais me chego a mim,
a realidade do fora é só uma ilusão necessária
para que o entendimento e a comunicação do homem
possam auferir de uma certeza navegando tudo.

Como estás deitada e nua na poalha da luz fria
vejo-te o corpo comprido sobre lençóis imemoriais,
e penso quanto amei a necessidade de te amar
para que eu fosse uma força capaz de tragédia,
um copioso homem rejuvenescido pelo contacto febril
da tua pele suavemente bronzeada ao pôr-do-sol.
Agora lembro-me os beijos que te desfiguravam,
as carícias de mãos recentes expostas ao desejo,
os lábios retesados pela humidade prometedora
de um amplexo que ampliasse a nossa visão humana.
Com hábil mão introduzias-me no recesso membranoso
do teu interior, começávamos então num movimento
ambíguo a viagem para a explosão dos sentidos,
eu e tu gemendo arrepios que a carne sacrifica,
dizendo tolices que não cabem nos dicionários
feitos pela pudicícia de uma sociedade castradora.
E quando a fricção dos corpos atingia o auge,
desvairada pelo aproximar irreverente do prazer
dizias que te vinhas numa voz tresmalhada
que arreitava ainda mais a minha necessidade
de ser homem e de me despejar diante do teu ser.
Depois retirávamo-nos moles, as pérolas do suor
deslizando no rosto, inclinávamos a cabeça
para um ponto distante invisível ao olhar
e ficávamos talvez horas no silêncio recomposto.
E penso na inviolável transparência do amor
que aflorava aos gestos mais temerosos,
no mistério de uma carne destinada ao caos
para que o equilíbrio se mantenha nos limites
daquilo que tem sido considerado humano pelo homem.
Era então totalmente feliz por ter nascido
e por ter passado todas as vicissitudes horríveis
de um sofrimento que me cansava em pranto agudo,
feliz como o absurdo que se perfilava diante
acenando-me com uma casuística onde o suicídio
prefigurava a outra viagem terminada na morte.
Compreendi vagamente a relação entre o tudo e o nada,
deitado nessa cama desfeita pelos corpos amigos
que éramos quando nos desfibrávamos em puro êxtase
onde as palavras restam improfícias para o descrever!

A terra reconhece nos seus manifestos erodentes
uma irritação comparável à do homem selvagem
que vive o quotidiano preocupado com a manutenção
do seu corpo e daqueles que o rodeiam e amam.
Não sei por que escrevi estes versos deslavados,
nem a propósito de quê, sem dúvida hoje amanheci
fora da ideia que faço de mim e me aterroriza,
e não sou capaz de alinhavar o mais simples poema
que diga como a vida se compõe ou se desfaz
no decorrer dos dias, que o tempo é constante
nas precoces preocupações que me anavalham.
O Tempo! A quimera talvez de um dia perceber
o sentido da minha existência cheia de sentidos
que se desdobram e reflectem outros sentidos,
profusão e dispersão comigo pateticamente no meio,
para que possa testemunhar a riqueza universal.
E a confusão que me dilacera, ter de dizer
selvaticamente os pensamentos mesquinhos
que surgem nos horizontes da minha cultura
feita de um ódio visceral pelo tumefacto
de um passado que a todo o custo quer ser presente.
Agora que escrevo automaticamente e feroz
na predisposição ingénita com que me vi nascer
as peripécias de um declínio talvez impossível,
agora que não conduzo as bitolas do raciocínio
e as palavras, megeras outrora amadas, irrompem
com uma força que me deita por terra exangue.
Não é domínio nem uma batalha contra o real,
é a desmedida pretensão em ter atingido o fulcro
de uma ideia ainda ontem incapaz de serenidade,
é o orgulho de me saber filho isento de uma voz
que dita as desditas contemporâneas do desejo
que não consegue viver suavemente o prazer.
Aqui estou eu acorrentado à corrente de consciência,
levado pelo remoinho mágico de frases desfeitas
ao vento larvar de uma auréola de paz irremeável,
traduzindo a estética do porvir com estesias
onde o brilho de uma inovação suplanta o terror
de um vazio que chama e me quer vivo no sacrifício.
Eu que sou feito para o êxtase e para a paixão.

Por força quero acabar com este poema recém descoberto no emaranhado sulfuroso da minha consciência desperta, por isso coloco palavra atrás de palavra e faço versos que se juntam a versos para que o poema seja acabado. E depois? Depois, como o leitor, leio o que escrevi e corrijo aqui e ali as pretensões da lógica caduca que aborreço já que não a posso eliminar da cultura que enferma os homens vivendo no ocidente tumefacto. E depois levanto-me com o poema na cabeça e descubro um pouco aflito que afinal não fui tão longe na magia quanto desejava e era efectivamente o meu sinuoso fito, e então, desanimado e patético rasgo psicologicamente a folha onde escrevi o maldito poema e abro ao infinito a minha pretensão de dizer pela primeira vez o homem. Assim, cada livro que não escrevo mas deito fora contém o somatório dos dejectos que não posso albergar, vítimas de uma necessidade ainda hoje indesculpável de dizer continuamente o progresso da vida no sentido nascido na consciência que se debruça sobre a matéria. Acho que fui bem explícito quanto ao conteúdo presente desta obra eivada de esperança e de frugal amargura, a vida é um enigma no coração cansado do universo, tece-se de percalços e de falsos alarmes que despistam a razão enlouquecida na demanda de um perpétuo fim. Tu, leitor amigo, lês este livro composto severamente ao longo destes dias calcinados pela solidão poética de um homem que quer paz e sossego e amor e calma na erosão do planeta que vive constantemente a luta e as guerras fratricidas que corrompem a dignidade ainda ontem pensada humana mas já hoje emporcalhada. Não é essencial a visão que brota tal uma flor deste livro amalgama de olhares fingidos para o caos e para os recentes requebros de uma ordem política baseada na corrupção e na escravatura da alma frágil. Mas é fundamental para a compreensão da minha vida estas páginas ervadas pelo desejo em ir mais longe no caminho do sonho como do conhecimento humano, pois o alvo dos meus passos dificilmente catalogáveis define-se pela prospecção de um futuro harmonioso onde eu possa ser pleno e encontrar o êxtase ameno no seio de uma comunidade dada à amizade incorruptível.

SENTIDOS

Ora acontece que o dia foge para a noite
e eu estou na borda do mar assistindo ao pôr-do-sol
raiado de vermelhos anímicos que fudem o olhar.
Súbito, embora suavemente, pressinto que vivo
um extraordinário momento da minha existência,
e uma pergunta quente e inquieta surge-me nos lábios
que a consciência não possui mas desperta:
O que tem sido a minha vida?
Incapaz de resposta estrita, fixado na memória
que me debita os acontecimentos mais importantes,
reinho como uma tentativa de resposta o exterior:
este sol rubro de desejo que se deita no sereno mar.
É um segundo de total revelação sem mais nada:
espécie sensual de vertigem trágica
que não percorre as sendas do comum destino
mas gira no fulcro de mim mesmo inquietação.
Tudo em volta é mundo, paisagem de uma marítima leveza
salgada pelo mistério das águas e pelo esplendor
de um sol que desesperadamente não deserta a terra,
pessoas que evoluem silhuetas e vultos e passos
sobre as areias molhadas de uma inocência possível.
Nem sequer sonho. Hoje sinto-me mais do que nunca
poesia. Com e sem palavras. Uma estranha simetria
que se recolhe na síntese de todas as coisas,
espirituais como materiais, futuras como passadas.
Subtil lágrima emerge à superfície profunda
dos meus olhos afeitos ao calcinado insentido,
dentro de mim reflecte-se este mundo onde vivo,
como se as pupilas fossem vidros do entre-mundos.
Passeio o corpo que sou através da extensão liberta
e penso no que sofri sem imagens isentas de piedade,
nas pessoas que conheci e foram tão poucas,
nas conversas fundamentais que mantive outrora
com colegas da existência nascidos do puro ócio
que nos atirava para um café desprotegido da cidade.
Mas afinal, o que tem sido a minha vida?
Nada. Não respondo e contudo sei: nada.
Possuo já neste mesmo mundo e sobre esta terra
uma filha saída das minhas entradas paternais,
os meus pais estão vivos e não me sinto nem filho nem pai.
Homem que nasceu e vai morrer, vivo a busca do sentido
e talvez na perda de mim mesmo ache quem realmente sou.

Tenho vinte e oito anos vividos asperamente
nas convulsões que deflagram entre mim e o mundo,
duas forças que me dilaceram e rivalizam sempre
na tentativa talvez desnecessária de vencerem o homem
que tento ser num quotidiano ferozmente datado.
Sem precisar de um espelho verdadeiro
sei que sou de uma beleza que nada tem a ver
com a ideia preconceituosa de uma estética velha
como o ocidente que se quer governar com passado.
O meu olhar distila serenidade e paz e fulgênci,
a minha boca abre-se para dizer bom dia às coisas,
os meus ouvidos recebem os sons da terra e dos homens,
os meus dedos apalpam a carne apetecida da mulher,
o meu nariz apodera-se selvaticamente dos doidos odores.
Sou belo e essencial e único como um homem.
Não preciso de razões para justificar a minha vida,
não pretendo subir os escalões nauseabundos do social
para mostrar aos outros que a inteligência habita-me
ou que o poder chama-me para desgovernar o universo.
O olhar dos outros não me penetra e engana-se
quando com frases já antiquadas atreve-se a julgar
o meu destino puro e livre como o acaso.
Sou da natureza do vento e sopro faúlhas de amor
para aqueles que desistiram do estudo sistemático
da natureza dita tantas vezes humana sem razão,
vou de terra em terra ao sabor de desígnios nenhuns,
lambo as folhas vertiginosas das árvores amigas
e esbarro convicto contra os muros do silêncio.
Depois, quando a acalmia vem, que vem sempre,
desfaço-me em nada e não resta dos meus domínios
que a recordação de um dia ventoso.
Valeu a pena viver tantos anos para dizer agora
estas frases tão falhas de revelações literárias
assim como de dados biográficos que nada esclarecem?
Por vezes penso que tudo é ilusão, a realidade perda infinda
e a visão das coisas furadas necessidades de firmeza.
E para quê? Correm os dias eventualmente assinalados
por comezinhos deslizes da consciência vigilante,
um dia nasce aquele que vai morrer,
noutro dia morre aquele que nunca se viu nascer.
Mas terei realmente vinte e oito anos de vida?

Também eu chego agora a este ponto culminante da vida
em que escrevo com serenidade e nítido dispêndio
certos veros versos que me nascem na reflexão livre
oferta ao clima de um pensamento talvez recente.
Não é a originalidade que procuro, nem a tentativa
de conseguir num poema como este atingir o fulcro
de um problema pendente desde que me reconheço.
Mas sim escrever serenamente certas palavras icásticas
que, como bolhas de ar num líquido, explodem cegamente
para deixarem de o ser, libertando-se no seu meio.
Escrever é hoje este suceder quase diário de um diálogo
com ninguém, o leitor é uma remota experiência futura,
não cabe nos limites da minha necessidade de abertura
que só encontro no papel que se cobre de palavras.
Chamo a isto amor. Tão próximo e talvez mais real
do que aquele que nos atira para os braços amados
de uma mulher desperta na sua sensualidade maternal.
Um amor puríssimo e ilegal, uma experiência humana
que não quer alcançar o ódio das inteligências rivais
nem instigar no mundo dos perdidos uma ilusão de eternidade.
Um amor que não exige nem entrega nem abandono nem prostituição,
mas simples desinteresse, alimentado no quotidiano assim
transcendido da sua mediocridade repugnante:
as exigências sociais de uma escravatura consentida.
Por isso, e por muito mais, escrevo respeitosamente
os sentidos perecíveis que engendro como filhos isentos
que não sei amar nem detestar mas com quem simpatizo,
dando-lhes a minha amizade e todo o esplendor do sonho.
Claro que quem fala em mim é a solidão – inútil esconder.
A vida só, sem reais companhias que me salvem do ócio,
sem conversas que me libertem do peso da reflexão diária,
sem um corpo de mulher que se queira abrir à sofreguidão
de uma sensualidade que o mundo ainda não catalogou.
Vagueio solitário as ruas tumefactas da cidade pobre
e levo em mim uma ausência que não pode preencher
a necessidade de amor ou de ódio.
Talvez tivesse perdido a vida sem o saber.
Talvez a estrada que tomei fosse erradamente predisposta.
Mas voltar atrás significaria desflorar a memória:
para quê recomeçar outra existência quando se perde a nossa?

10/9/76

Essa voz que diz palavras que contêm sentidos
abre-se todos os dias à reflexão timorata sobre a vida,
repetindo incansavelmente os mesmos delírios ou imagens,
que o real que a sustenta não muda tão facilmente
como o quereria o desejo ou a vontade do novo.
Uma voz simplesmente centrada na inclemência do Tempo,
tentando captar os silvos dos desígnios escondidos
e gravando no papel do livro imerecido justos poemas
que não ultrapassam talvez a condição de nada.
Hoje mesmo é um outro dia, a luz navega raios
que não se vêem, a chuva, entidade abstracta, ameaça
no cinzento plúmbeo de nuvens incapazes de alegria.
Nada me distrai mais do que a contemplação cega
desse minuto em que revivo mentalmente os percalços
de toda a minha existência comprimida num lapso de tempo.
E depois, cansado de tanto viver solitariamente,
escrevo vãs palavras do olvido que jazem improfícias
na acumulação de real que não explode nem desmente.
Perco, sei, algumas faculdades que não nascendo comigo
tendem a desaparecer com a velhice protectora:
mal consigo juntar duas palavras portadoras de um signo
e no roldão babélico de uma sensibilidade arreitada
disponho apenas da intenção que não fabrica poesia.
Sinto-me duplamente falhado. Sem possibilidade de remissão.
O mundo, com as suas bandeiras em fogo, acena desperdício
e come literalmente a esperança dos jovens corpos.
Eu mesmo pressinto vagamente que o abuso do absurdo
não é uma escorregadela para o absoluto, o que quer que seja,
mas uma estranha e descontínua decomposição dos sentidos
que violam a razão conquistada no decorrer dos séculos.
Talvez contudo seja tudo disparate, e eu me engane.
Piedosa consolação pensar-se inessencial quando o vazio
corrói de uma maneira avassaladora o coração doente
da geração que não tendo feito nada exige-se o suicídio
como o mais alto feito capaz de chamar a atenção do futuro.
Esse espasmo espalha-se pela condição humana como um véu
obliterando a vista daqueles que querem a todo o custo
saber mais do que se pode aprender nos livros científicos
que enganam a inteligência para se pensarem reais.

É com um carinho alimentado na riqueza da memória
que descubro em mim a história da minha vida maltratada,
os anos são tamisados pela distância enganadora
que o tempo alicerça nas suas manifestações humanas.
Estou só, depois já de alguns meses, e permaneço imóvel
como um pião que não ultrapassa o desejo de movimento,
vejo os dias que passam sem me trazerem nada de interesse
e vou paulatinamente queimando a existência com idas
ao café onde me sento para olhar vaziamente o tecto.
O meu destino é isto: repetir severamente as frases
inventadas há muito quando o verbo era jovem e ingênuo,
reiterar os mesmos gestos agora pesados de sensaborias
julgando que os percorro pela primeira vez.
Nada me perdura quando examino de perto o que fiz,
tudo se traduz pelo desgaste de uma consciência
que cansada de catalogar deseja apenas sono e paz.
Nada me prende eficazmente à terra e ao mundo dos homens.
A filha, que talvez tenha perdido para sempre, está longe
e não me conhece, penso nela como de uma ferida na carne
que não cicatriza nem pode elevar-se à tragédia literária.
Sofro como mais ninguém a mediocridade de tudo ser pequeno,
as relações humanas neste pobre país que é portugal
continuam no mesmo pé da indigência e da hipocrisia,
as pessoas não atingem o nível de seres humanos despertos
e o meu choro, como todos os derrames de lágrimas, não vale nada.
Lembro-me de outras terras onde tanto passei, do paris
nauseabundo que me escravizou e ia matando-me lentamente,
de londres onde a música nocturna aquecia o inverno,
lembro-me e parece-me impossível que tenha sido eu
a viver esses recantos achados do mundo podre dos homens.
Se ao menos tivesse a coragem para me matar definitivamente!
Desaparecer, desaparecer! Tudo é demasiado pouco para a ânsia
de mais num universo digno de mim e das minhas dores,
criações que acalento no esconderijo sensual do ser,
clareira onde o estigma da fome é ainda uma evidência.
Que fazer? Onde ir, se por toda a parte se assiste sereno
ao mesmo descalabro e ao mesmo ruinoso desconforto da alma?
Sociedades baseadas na injustiça dos grandes e pequenos
perfílam-se como construções requintadas da inteligência
que não posso amar nem quero verberar com o meu exemplo:
longe estou e não quero nem sei como regressar ao tédio.

Há um sinal do mal-estar moderno nas linhas escritas com tanto amor e comiseração, leio livros estúpidos onde a poesia não é um abismo nem uma perda, mas palavras vazias sobre palavras vazias que se pretendem as construções actuais da poética. Talvez tenham razão. Para quê? Dizer para quê? Tenho a impressão que só eu questiono hoje em dia, a flatulência dos outros enche livros prenhes de nada com uma maravilhosa disposição para os sucessos literários. Eu continuo no mesmo labirinto tentando libertar o verbo da canga imposta pelas doutrinas que a estética engravida com muito suor e muita necessidade de forma. E sinto-me mal quando me leio, retendo esse sentimento acutilante de não ter sabido ser essencial com as palavras nem com os sentidos procurados dia após dia caninamente. Nada disto, nem do hoje, nem do ontem, queria escrever. Outros livros percorreram a minha sensibilidade ágil nos sonhos acordados em que o mundo agia sobre mim como uma voz ou pena insubstancial que dita descobertas capazes de mudarem definitivamente a face podre da terra. Mas quando chegou o momento de os escrever na folha branca, a minha habilidade de artesão não atingiu as fronteiras do que tinha visto com estes olhos que desconhecem mentira, e só consegui balbuciar o redito pela história poética de todos os tempos e de todos os povos, vassalo invicto. Por isso me sinto um muito mau poeta, e desde agora desejo despossuir esse epíteto elástico que não me serve, para retomar esse outro antiquíssimo como a palavra, o de homem que escreve, tacteando os sentidos improváveis. Receio que o leitor me comprehenda e não quero desiludi-lo com uma conversa que não contenha todo o fruto maduro da minha experiência de homem claudicante na civilização, por isso continuo este miserável livro do desassossego, sem armadilhas nem revérbilos inumanos, mas com sangue morno esvaido das veias que me calcorreiam e seguem o caminho que o destino prescreve no ilímite da razão trabalhadora. Mas o falhanço é demais evidente para que o que se segue permaneça dentro dos limites a que uma leitura sequiosa habituou o leitor: deita fora este livro e escreve na memória esse outro que trazes nas entrelinhas do teu viver receoso. Há sem dúvida um sinal desconhecido na poesia moderna.

Cai majestosa e suave a chuva de setembro.
Caio terrível e mísero num lazer de inquietação
que me obriga a juntar palavras para depois dizer
que o dia foi uma sucessão milagrosa de poemas.
Caio e sinto um vazio gradual em mim, um oco
que só a música preenche com desânimo e amor,
estou rasgado como uma emoção amorosa desfeita
pelo mundo que quer e exige ordem e razão.
Caio tentacularmente nas redes perversas do engano
que se tece na minha inteligência redentora,
o futuro é uma impossível menstruação ignobil
e o passado é a vergonha de não ter sido outro.
Estou ferido pelas intempéries anímicas da loucura
que não poupa ninguém e muito menos a mim
que pretendi atingir o cimo do dizível
sem ter pensado nas consequências desastrosas
para a minha paz de espírito ou para o meu corpo.
Como um terreno seco abro-me humanamente à chuva
que cai e empapa-me de delírio e de rios frios
que me percorrem tais barcos da imaginação sã.
Cheiro a húmus e recebo nas minhas entranhas
a semente de novas árvores tão essenciais
como o carvalho que me distingue dos homens.
Ei-la que cai, serena e enigmática, a chuva
primeira de um outono que vai finalmente chegar,
cai e diz-me suaves canções que o delírio
traduz em frases passageiras inscritas no frontão
da minha exigência de liberdade e de paz.
Cai e molha-me, coberto como estou de folhas
outrora verdes e agora severamente secas
pelo estio que povoou a população da terra.
Aquele que escreve dorme um sono telúrico
e desfaz em pranto a sua sensibilidade lúdica
que cataloga os miasmas malsãos da podridão.
Aí, nesse monturo de merda e de calor animal,
jazo, corpo aberto ao golpe fatal do instrumento
que fende a terra para a trabalhar com suor
na esperança de um amanhã digno da nossa fome.
Se ao menos fosse verdade a mentira de hoje!!!

Que ninguém me fale ou queira imiscuir-se em mim,
estou disponível para o insentido que se cultiva
com o estrume de velhas ilusões estarrecidas,
fendido como um tronco de árvore que o raio abate
para que a tempestade seja um domínio dos deuses.
Não sei obedecer e quero manter-me de pé e vivo
diante do mistério que é o haver começo e fim
numa membrana de gaze intransponível ao prazer
de um pensamento que se desdobra em razões fáceis
que a cultura ensinou nas sebentas imperdoáveis
que corrompem a estrutura humana do homem são.
Mas mesmo que a incongruência vença o destino,
quero dizer que a minha vida mede-se pelo desatino
que me inebria e me dá a força de escrever pó
no sítio das caquécticas mentalidades europeias
que se alimentam de ossos e da carne podre
que o cadáver ocidente festeja no fúnebre cemitério.
Sei que felizmente há a morte como recompensa
desta perpétua dor que subsiste mesmo no prazer,
quando um corpo se perde nos redemoinhos do outro
e pensa atingir o êxtase como manifestação divina.
Engano, tudo engano, diz-me a estuporada voz deserta
que profere os mesmos discursos de sempre,
a vida é uma migalha para a lúcida necessidade
de mais alguma coisa, não me perguntem o quê.
Corre através desta página um sangue que vejo
vermelho como a ousadia de um suicídio bendito,
o meu sofrimento não se traduz pelas frases vadias
que alcançam mesmo assim o simulacro sincero
de uma sinceridade incapaz de mais nada:
mas o que desejo veemente e de todo o coração
é a alegria de um destino perfeito no acaso
que liberta o homem dos entraves sociais e outros
que empestam e inibem o gesto futuro do amor.
Não, que ninguém pense que a minha estadia
na terra é um sinal de qualquer coisa,
só minto quando me pedem as explicações
que desvirtuam a pureza de um sentido enigmático
pairando sobre a totalidade do tudo feito nada.

De repente saio do nada e vejo estupefacto a vida
que pulula dentro de mim como uma florescência nívea,
populações de sentimentos e afáveis sensações nítidas
misturadas numa sinfonia que me torna ainda mais real.
Aflito percorro em segundos de dâdiva e revelação
um misto de êxtase e de euforia, vivo! digo, vivo
na carne que instiga a força de um tesão amigo
e no espírito que inventa situações capazes de amor.
E vou, tal um voo inamissível, através dos caminhos
que levam ao tirocínio de uma beleza tão nova
que não surge ainda como beleza mas como vazio
onde se realizam todos os desejos e todos os aiores.
Um arrepió penetra-me na velha espinha metafórica
como um dedo divino que não sabe apontar o sítio
onde a felicidade, se não é possível, pelo menos chama
com vozes de orgasmos e lábios altamente cinzeladores.
Estou onde? ouso perguntar, os olhos desvairados
pelo prazer que atinge os recantos mais longínquos
do meu corpo afeito à dor e a ténues esperanças,
e um mar de louçania e coreias de alegrias humanas
arrasta-me num turbilhão que não procura a água,
mas o lugar privilegiado de uma irrupção redentora.
Sonho, penso, sonho sem dúvida com o futuro impossível
que trago em mim e não pode ainda espraiar-se
pela imensidão selvagem do planeta votado ao terror,
sonho uma vida perfeita entre a morte necessária
e o parto que com vagidos de temor emerge na terra.
Sou aquele que vive uma insuportável dor no seio
de sociedades onde o homem permanece escravo,
olho em redor e vejo a injustiça campear insolente
ao lado da fereza de uma mentalidade que pisa
para poder sobreviver e subir ao pináculo do conforto.
De vez em quando homens escarrados pela miséria
insurgem-se contra todos os regimens do estúpido globo
e querem um vitorioso futuro digno da própria vida,
momentos de efusão no domínio do sentimento aquecido
que valem anos de privações e de vexames antigos,
para depois serem massacrados pela hedionda avareza
dos que sentiram que se perdia o reino dos ricos
sucessores de ideias onde o homem é um espantalho.
E novamente entro nesse lodo frio do nada anímico.

Sinceramente admito que nada sei dizer quando digo as palavras complexas que a simplicidade anímica acaricia no seu esplendor de sinais despertos, tudo o que pretendo é cobrir a terra de óbvios desejos e dum a plethora de sentimentos novos capazes de por si só mudarem a face horrível do homem e das suas manifestações de egoísmo.

Não é uma luta, mas sim uma paixão enraizada nas entranhas aceradamente quentes do meu interior, uma paixão diária, perceptível em cada gesto ameno e em cada frase trocada com os eventuais amigos, uma paixão que é o centro crucial da minha vida devotada à mudança e ao fluir da novidade ingente que tenho necessidade de criar para me sentir irremediavelmente vivo e com o espírito desperto.

É talvez uma subterrânea maneira de afastar o velho e de introduzir sub-repticiamente outro olhar que vivifique as relações humanas tão gastas, um modo de reduzir a cinzas as construções caducas que persistem em viver para mal dos escravos que labutam com suor e ganham o prémio da miséria.

Mas sinceramente admito que não vou muito longe nesta tentativa pacífica de organizar o universo dentro de uma justiça fictícia onde a igualdade se perfila ao lado de velhas concepções inventadas aquando de revoluções ultrapassadas no tempo.

É que não é a vontade intelectual que me obriga a agir assim, mas o mais profundo brilho do meu ser que não sabe nem pode exprimir-se de outra maneira, como uma condenação a tentar sempre a liberdade.

Por isso certos insidiosos olhares caquécicos que não estão à altura de compreender a acção dos meus passos sobre este terreno perigoso, daí o mal-estar que por vezes causo nos homens que se julgam o Tempo com ideias fixas e breves corolários da estupidez que não tendo limites quer atingir o orgulho de leis e de regras de viver.

A aventura que prefiguro é feita de reveses que me dão a medida de uma conquista trágica: queimar uma civilização para inventar a alegria.

Descrever o quotidiano é realmente uma tarefa inglória para quem vive já o futuro na plenitude de um sonho.

Dizer o que deve o homem fazer não é um digno trabalho para quem não anseia pelos altos postos da ignomínia.

Aconselhar o escravo que somos mais ou menos todos pode revestir o papel de um paternalismo benevolente.

Que há pois a fazer quando se deseja verdadeiramente que a situação do ocidente mude e a liberdade seja?

Prescrever toda uma luta baseada na mudança anímica de cada pessoa para que um dia a memória reveladora exija a emancipação radical da consciência desperta.

Penso que é isso que tenho feito nestes anos próximos com mais ou menos felicidade na expressão poética que não encontra nos outros um eco de compreensão.

Chego pois a julgar, como outros noutros tempos, que o meu verbo é demasiado novo e sem códigos para poder ser lido com atenção e um certo amor.

A minha palavra é a da total liberdade liberta, dentro dos limites humanos porque somos homens, no respeito de nós próprios que somos os outros, para que a vida possa revestir a luz da felicidade.

Temos uma língua para comunicar o que na alma eclode, podemos falar horas e horas para chegarmos ao acordo que trará harmonia e quase perfeição nas relações dos homens entre si e dos homens com a natureza.

Há o amor, espiritual enleio da carne exigente que deseja recolher-se na outra carne do outro, há a amizade que acolhe os amigos na mesa limpa onde o vinho e o pão é festejado com risos e cantos.

O nascimento povoa a terra cercada de enlevos, novos vagidos vêm substituir o estertor moribundo daqueles que tendo vivido anos da existência feliz se perdem no monturo que é a humidade da terra.

Os dias passam entrecortados de festejos e labor, as noites cobrem os amantes da paz e do silêncio.

Passam as estações nos limites próprios do tempo: ontem o inverno com as neves e as chuvas torrenciais, hoje a primavera nas flores e no cio dos animais, amanhã o verão sob um sol que bronzeia os corpos, depois o outono que preludia o fim do ciclo ancestral.

12/9/76

Como não trabalho e nada tenho para fazer
vivo os dias ociosos de um setembro suave
que traz as uvas podres pelo estio quente
e os primeiros frios nas noites indolentes.
Leio livros que me mandaram de países velhos
e escrevo livros que não se apercebem
nem do ritmo lunar que povoa o homem novo
nem da estranheza de um verbo devorado.
No café da cidade que esgota a inteligência
vejo jovens mulheres tão superficiais
que não se atrevem sequer a olhar-me de frente,
como se fosse um velho perdido na erotização
de uma inventiva altamente traiçoeira e leve.
Pobre de mim, repito, fora da carne palpitante,
desligado da mediocridade do mundo velho,
incapaz de um passo para a prostituição,
pensando e repensando a tragédia solitária
de um destino que não cabe nas classificações.
Passeio ao longo da praia que vai desertando,
imagino encontros com a verdadeira juventude
e julgo-me uma vez mais o adolescente icástico
que escrevia versos da aparição com engulhos
que faziam medo às consciências profissionais.
E como em paris e mesmo em londres, penso:
sou um poeta desconhecido, sem contudo saber
proferir com raiva ou calma essa frase despida
que me sabe a ruína e a perda de qualquer coisa.
Sou português, nasci neste recanto norte do país,
fugi aquando da guerra injusta no estrangeiro,
passei privações e vexames racistas na cidade
onde pensei ser feliz e viver a liberdade
que não existia outrora neste lugar pérvigil,
regressei a casa e não encontrei os amigos
de outrora, apenas adultos metidos até ao pescoço
na usura do tempo e das convenções sociais,
enriquecidos pelo trabalho insignificante.
Eu continuo o mesmo e um outro poeta desconhecido
que vagueia pela memória como uma mão fria
que acaricia o corpo defunto de uma ilusão:
outros ganham a vida onde eu a perco.

12/9/76

Queria ir como um olhar límpido pelas ruas da desolação promovendo festas da alma e tirocínios da felicidade, como um mar bravio que entra pela praia quente do verão e limpa as areias do peso milenário de um império tredo, queria ir cego de mão em mão dando beijos e abraços pelos homens e mulheres que não esqueceram os sofrimentos, entrando em cada casa como uma luz suave de uma manhã onde o silêncio se casa com os ruídos dos filhos pequenos, queria ir em frente com o estandarte da liberdade total atravessando cidades do desespero onde o homem moderno estrebucha e não sabe como evitar a morte da esperança nem fazer ouvir a voz que junta os irmãos desprotegidos, queria ir louco e sedento de verdade pelos vales terrenos onde árvores com frutos acenam canções e promessas futuras, como uma brisa que nasce no ponto ilimitado da minha cisão com a cultura que nos embala ao som de turpitudes e fogo, queria ir selvagem e antigo como o recém-nascido homem que pela primeira vez olha em redor e nomeia as coisas, não para que tudo recomece e dê na injustiça de agora, mas para que nada se deteriore e tudo permaneça belo, queria ir como um voo de ave dessangrada que crê avistar uma terra prometida que cada povo cria na imaginação real que antecede as grandes realizações de uma prática feroz para se atingir a alegria e a paz que tanto se almeja, queria ir maiúsculo e forte pela fortaleza da corrupção e desmembrar com bafos de amor as armadilhas do egoísmo que prendem o universo do homem ao desequilíbrio de lutas que dilaceram os pobres e matam as potencialidades vivas, queria ir sereno plantar as sementes da vida intelectual num lugar de lodo e merda onde o húmus tal uma matriz recebe o esperma do espírito para que se fertilize o olhar de uma nova mentalidade preparada para o prazer e o amor, queria ir recente e inultrapassável calcorrear o mundo perdido na ideia de uma ganância que empobrece o destino, com armas de caridade e de insuportável e breve declínio, queimando a podridão que jaz nos corpos magoados da demência, queria ir luz e fogo através da escuridão da ignorância para que uma résstia abrisse os cegos escaninhos da memória e a humanidade pudesse sobreviver nova e pura e humana numa terra pela primeira vez livre do peso da civilização.

Cada vez menos intimista o discurso do meu olhar
reverberado pelo mundo dito intelectual,
como se a palavra desertasse a tentativa louca
de dizer as coisas que nascem dentro de mim
e se espriam malevolentes e severas pelas páginas
de um absurdo deslize progressivo para o Nada.
Mas num ribombar de músicas que não seguem a verdade
escrevo como um homem ignorante as frases divinas
que temem a ousadia de um orgulho marítimo
mais febril que a própria criação poética de hoje.
Há, pelo menos dizem as estatísticas do coração,
uma fenda entre o ontem que percorreu o mundo
e o amanhã que nunca estará presente na consciência,
para que hoje seja a terra prometida da palavra
ora possível ora presumível, que mais não sei.
Contudo prevejo nas altas esferas do pensamento
um arrojado projecto que quer desmobilizar o homem
e atirá-lo para os escombros de velhos ideais
ainda ontem escamoteados nos livros de flibusteria
que os criminosos liam às escondidas dos pais.
Nada me diz senão este nada que se diz em poemas
calibrados com serenidade e desmedida, a loucura
é uma dimensão que só poucos atingem e suportam,
um calor que nem o amor consegue propagar nos corpos
calcinados pelo tédio de uma cultura estagnada.
Por isso, febril e magnânimo, canto o hino da vida
no holocausto das esperanças que foram maltratadas,
canto e raivo de prazer, mais forte que a ideia feroz
de um mar que bate nas rochas das praias desertas,
mais subtil que um voo de pássaro destinado
ao erodente e destemido limite dos ares celestes,
mais dentro do viver que todas as manifestações
que o ocidente dilacera em festejos fúnebres,
capaz de um feito que dignifique a raça humana
lançando-a para o futuro que espera paz e amor.
Nada me traduz melhor que estes versos sangrentos
onde ponho toda a minha existência carcomida
pela selvagem dor de uma comunidade desfeita,
tudo me inebria quando sinto que sou a tragédia
de um tempo que se despede do passado bafiento
para se dedicar à construção de tempos melhores.

Porque não sei como continuar a poesia da vida
venho sorrateiro e feliz escrever estas palavras
que brotam da rudeza de um mundo intelectual
incapaz de me alçar ao deslumbramento da epopeia.
E assim junto ao já feito em escritas passadas
o momento que vivo, esmola de uma visão empobrecida
que não ultrapassa a palavra que define e vulgariza,
mas apenas corrói o sentido finito de um enunciado.
Cifra-se pelo incomensurável a tentativa aflita
de escrever a realidade como é por mim vivida,
nada me instiga à intimidade quente do signo
e tudo mais ou menos me afasta da concisão anímica.
Sofro por não saber que caminhos devo tomar
para atingir esse lugar onde uma voz profética
me acena as cenas mais loucas de uma existência
devotada à procura de vãos e escaninhos emocionais
que retêm as profundezas onde o homem se abisma.
Lentamente, com pena e força, vou desbravando o caos
de falsas interpretações intercisas de iluminações
que me dão uma ideia e uma visão do processo novo
começado pela eclosão da minha escrita na terra.
Pouco da minha aventura restará para ficar literária
no sentido restritivo de uma disciplina moderna,
o que faço mede-se pelo alcance que revela em mim
a capacidade humana de repensar o universo
quando a noite e o dia se confundem com o Tempo.
Certos versos ou fragmentos de frases distraem-se
do conteúdo que transportam e elevam-se ao cimo
de uma lógica desconhecida dos compêndios ocidentais
que tratam benevolamente o problema do pensamento
como necessidade visceral de realizar uma obra.
Por isso, eu mesmo, ou a parte de mim que é ausente
num passado contido pela memória e pelo sentimento,
por vezes, não comprehendo o que de novidade dito
sobre as páginas brancas de livros malditos
que revelam a obediência a uma total liberdade.
E impreparado, contenho o fôlego, como se nadasse
debaixo de águas inimigas, esperando ansioso
o momento do encontro com a luz antiga da terra.
Mas o ser em suspenso é o presente que trago
à mediocridade de uma vida presa no quotidiano.

Singelamente afirmo com a evidência de eu ser eu quanto tenho labutado nesta procura de sentido capaz de traduzir a minha vida em pensamento. Admito sinceramente que nunca consegui atingir o pretendido nem com revérberos do génio ausente nem com um repisar canino do que foi já feito. Há uma clivagem vertical que divide o vivido sem palavras do pensado com os meios usuais que estão ao dispor da mentalidade ocidental: as palavras são o próprio mundo das palavras e não alcançam a realidade humana das acções nem dos gestos que desfiguram para o futuro a face maviosa e indolente do mundo das coisas. Cautelosamente, contudo, inscrevo o meu nome na viagem de mim mesmo aceno profético do homem que pretende fugir da sua condição escrava para provar o gosto da outra coisa que se esconde para além da fala ou do escrito que se arvora. Chamo loucura essa fronteira irradiando Nada, lugar sem apelo de uma voz que clama deserto e atrai o olhar daquele que, tendo nascido no mundo dos homens, quer sair do casulo mortal para viver uma outra vida perpetuamente nova. Chamo paixão a emoção que deflagra continuamente no peito daquele que teima em desobedecer às leis demasiado restritivas da condição humana, estado anímico auferido entre a dor e o prazer, aventura para e no impossível, clareira aberta. Eu sou esse homem que escreve quase diariamente a vertigem de um verbo que se emancipa do mundo para viver o sonho na lucidez de uma visão que fertiliza o quotidiano com sementes anímicas poupadadas durante os anos de reclusão e sofrimento. Não há palavras que definam a minha ousadia febril nem a dimensão icástica da ambição desumana que me protege do tédio como manifestação cultural de uma civilização esgotada no sangue menstruado. Só o salto para o outro lado vence o tempo humano instaurando na memória dos povos desmembrados um lugar privilegiado onde o sonho vive a luz de uma realidade finalmente contígua do pensamento.

Através do cinzento matinal pressinto uma explosão no seio anímico do meu misterioso interior que fala breves sentimentos do velho esplendor que povoou outrora a terra com gentes e ideais mais ferozes que a imagem ridícula que a história transmite nos seus manuais carcomidos pelo tempo da distância. De dentro para fora sucedem-se ressacas emocionais que nasceram há muito na memória quase empobrecida dos que têm por missão contar a sensibilidade do nada diante das armas que deflagram para preencherem a morte. Silêncio é a impressão que fica no redor alveolar onde evoluí sem pestanejar o homem que invento agora para que amanhã se tenha uma ideia exacta do momento. Sirvo-me das palavras como o artesão dos instrumentos que do nada que é a matéria fazem brotar esculturas e incêndios capazes de purificarem a mentalidade podre que vive e infesta o ocidente efeminado pela razão. Mas cada poema que surge assim como vontade de alegria traz nos seus bolsos de rimas e ritmos e assonâncias um manancial de profecias que não respeitam o futuro e muito menos o deslize das horas que é o presente. Trata-se sem dúvida de um jogo encetado metodicamente por aquele que não amando o tédio nem a irresponsabilidade de um destino isento de sentido ou de palavras leves quer a todo o custo criar cidades do sossego da alma com casas onde o espírito se abriga do incesto tredo que campeia os horizontes diluídos da nossa fala. Mas um jogo onde se ganha e se perde o sentimento de uma vida que obscurece os ditâmes da inteligência, um passatempo mais essencial que todas as obras afeitas ao hábito do humano desfibrar de acções. A prática desmente a cada momento o terror da ideia que prevalece como um deus incapaz de realidade, mas para que os passos sejam dados dentro da segurança é preciso que uma voz de silêncio dite as leis e ordens que movem o desejo e pulverizam o medo do estático. Difícil um comportamento voltado completamente para a inexistência de um futuro desejado na carne que viu os horríveis cataclismos da paixão nobre quando a solidão tinha garras que despedaçavam o olhar.

14/9/76

Sou esse homem que vive na solidão do universo
uma estranha necessidade de aventura que limpe
o vazio orgânico de uma expressão desmembrada
pela guerra quantas vezes fria da incompreensão.
Trago dentro de mim reflectidas todas as dores
que o mundo moderno pare com requintes de ódio,
as ideias entretecem-se com fulgurações níveas
e o testemunho da época nasce como uma visão.
Não visualizo a membrana que divide em dois
mundos a experiência humana de uma vida cega
pelas intempéries de opiniões que surgem
de todos os cantos da terra para diluírem
na monstruosa morte do sentido a necessidade
de liberdade como primeiro passo para o futuro:
mas sei que existe como clivagem do delírio
emprestado às palavras solitárias que galvanizam
o real com frases inadequadas e vulgares.
Sei que sofro na loucura de uma visão interior
o calor e o frio da sensibilidade desfeita
pelo terror de um nada que se perfila e chama
com uma voz maviosa contornada de mistério.
Sou esse olhar virado para o mundo de hoje
sem conter nas pupilas físicas os objectos
que pululam como insectos antepassados,
sou essa espantosa procura de um caminho
que me leve ao sítio ardente da verdade
capaz de me redimir de todos os sofrimentos.
Insubstancial e pobre vou pelas ruas altivas
da demência humana toscamente posta ao serviço
da corrupção como da injustiça que classifica
como modo de vida o pobre e o rico, dicotomia
onde todo o ocidente se reflecte sem esperança.
Meus são os castigos que caem sobre a cabeça
da novidade que não teme o fulcro estiolado
de uma mentalidade estupidamente inessencial.
Minhas são as falas que saem da batalha lenta
daqueles que prefiguram com mais ou menos pavor
o desejo de uma transformação radical do homem.
No desamparo biológico como na solidão do tempo
sou esse homem que vive as palavras redentoras.

Tal um furacão através de cidades vitimadas pela memória
passo com grande alarido e estremeços de almas fúnebres,
as casas num redopio de sangue derramado sobre o chão
onde homens e mulheres choram e pedem perdão ao invisível
que trazem dentro como mitificação de uma necessidade
de quente paternidade que os proteja das catástrofes.
E tal como a natureza desmedida em dia de furor e perda
arraso com golpes e sopros as construções infecundas
que abrem brechas e gritos de uma dor nunca vista na terra.
Passo feliz e selvagem pela vingança que a minha história
exige como purificação do sofrido e do vivido estupidamente,
a desolação segue-me através dos oásis que outrora floresciam
na imensidão cadavérica de uma civilização feita de escarros.
Passo remoinho de facécias terríveis sobre as cabeças perdidas
dos que choram a ignorância que não desperta nem desvenda,
os berros humanos aflorando à minha pele de apocalipse
desejado pela injustiça que divide o universo em castigos.
E de braços levantados, fugindo no mais interno pavor,
homens e mulheres seguidos dos filhos incompreensíveis
tentam refugiar-se na actual esperança que nasceu receosa
de uma precocidade interesseira e voltada para o salvador
que não existe nem actua com melindres da consciência.
Passo irreal e tenebroso tal uma língua de fogo ardente
pelos corpos que vivem a demência e o passado tumefacto,
a terra treme e difunde um horrísono vislumbre do fim
fantasiado nas orações ao estranho ausente do coração humano.
E eu que velo e passo e sorrio estrago-me diante do fito
que me levou a tão desproporcional carreira do vício ameno,
sonhar delírios na pacacidade da manhã que não ignora
o martírio daqueles que se levantam para a escravatura
de um universo feito apenas para a inteligência criminosa.
Por isso passo como fereza das forças incógnitas que vivem
na minha imaginação um tirocínio de palavras malditas
que galvanizam o terror e o nada, duas entidades célebres
na cultura que nasceu algures no tempo dos outros
e continua como uma ameaça da felicidade só possível depois.
Mas eis que o cansaço desmembra-se e volto tal um poeta
à escrita que não vinga nem modifica a face da terra
carcomida pelos truismos de uma exigência de conforto.
Tal um desgosto que não ultrapassa o sonho nem a realidade
acabo este fragmento de uma epopeia digna do homem escravo.

Perfeitamente vazio na manhã ensolarada abro os olhos para que o exterior penetre em mim como chamas ardentes, estou na terra e sou um homem que já não procura nem acha, masvê, na limpidez da luz que a manhã desfibra e banha, os objectos do quotidiano, neste quarto desta casa.

Não há filosofia ou ciência que dignifique mais a aventura do homem perdido no insertido de tudo viver no fora mítico onde as palavras esbarram sem poderem atingir a substância que faz do real uma possível verdade ainda hoje impossível.

Com os olhos abertos desmedidamente, escrevo uma outra poesia toldada pelo limite de mim mesmo na construção de um sentido que diga mais que o acaso de um verso infeliz que proclama a exuberância de um verbo que seja capaz de felicidade.

São os olhos que dão a medida do infinito quando o horizonte jaz a certa distância com nuvens e linhas de demarcação entre o globo na sua esfericidade categórica e o céu ameno que reluz de azul e imensidão como um vidro feito de amor.

E pouco a pouco, possuído de todas as sensações que entram numa roda-viva de espasmos e direcções e choques altivos, sinto que dentro renasce a multidão de sentidos reflectidos numa plethora repleta onde o olhar interior vai saciar a fome de uma alma isenta e ignorada como o cerne de tudo no nada.

Assim acordo e desperto para o mundo, estando só no silêncio deste quarto virado para o nascente que precipita um sol taumatúrgico que se espalha em raios de ignorância na terra.

E eu? Eu que escrevo este poema nesta manhã quase fria de um mês que me leva ao inverno insuspeito dos ciclos, quem sou eu, mesmo se a resposta não existe por demais formulada, onde estou eu, mesmo se é a terra, num país qualquer, que recebe e suporta o meu peso de homem já adulto diante dos olhos vesgos daqueles que classificam as etapas da vida com um à-vontade digno de certos deuses que outrora povoaram as consciências dos homens quando a civilização era um berço e a alegria era. Se destino há, o meu é feito destas horas suspiradas de medo ante a visão de uma proliferação de cosmos a todos os níveis, se sentido houver, é sem dúvida o de um acaso que traz e leva homens e coisas e situações sem previsão alguma da minha parte, eu que sofro o mal e gozo o bem, mesmo se não reflecti bastante sobre os dados morais que me tauxiam de uma maneira ou outra neste ocidente que se afunda na lucidez lúdica de um jogo avaro.

Persiste contudo este sentimento de viver longe,
numa outra distância assinalada em falsos compêndios
que traduzem bem a geografia de um sentimento velho
mas são incapazes de preverem a novidade de uma palavra.
De longe me chegam as vozes quotidianas daqueles que vivem
mais ou menos comigo esta existência sem amor nem brilho,
ecos do insubstituível na boca dos meus ouvidos orgânicos,
proferindo frases e frases plenas do gratuito sentido
que alicerça a vida diária com temores de gratuitidade,
embora se possa dizer que os homens se comprehendem nos gestos
e nos silêncios que empestam as relações ditas humanas.
Há um outro clima, sinto-o que me rodeia e me inebria,
uma força galvanizadora que aterra a maior parte dos homens,
um sibilino sentido do imperecível que gravita na terra
em torno de certos espíritos que desafiam a loucura.
Ir mais longe é uma viagem de retorno para a simplicidade
tautológica que não é mais do que uma confusão perplexa
de meneios que atiram a consciência para o obscuro domínio
de uma ausência de palavras onde nada se define,
mas tudo se reclama da luz portadora de sinais precisos
que libertam a humanidade de medos ancestrais e da reflexão
que, mal aproveitada, pode abismar no insignificante o olhar
que teima em ver, em ler a vida nos seus meandros cognoscíveis.
E vez por outra desço majestoso e ignaro até ao berço
onde aprendi quem deveria ser para conseguir a aprovação
da comunidade que deseja a todo o custo mediocridade
na acção de uma prática edificadora de regras e moralidade.
Disfarço-me de um homem que sabe certos preceitos anímicos,
certos conhecimentos científicos ou filosóficos, e então falo,
em conversas temperadas de gratuidade e imprecisão,
nos cafés das cidades que recolhem gente para dois minutos
de paleio onde revelações angustiosas sobre o futuro
serão bem-vindas e próprias para a digestão do enfado.
E ouço as réplicas de uma mentalidade arcaica e podre
que não sabe escolher as frases mais convincentes e belas
nem os sentidos de uma visão desprotegida do optimismo cego
que enferma cegueira e vacuidade na feliz contenção da morte.
Por isso persiste, e apesar de tudo, esta distância entre mim,
que senti a viagem de uma força mais longâmina que o prazer
de debitar concepções ruinosas sobre o destino da humanidade,
e os companheiros quotidianos que aprendem nos livros especiais
como devem ver o mundo e o universo se quiserem ser considerados
homens inteligentes e cultos pela comunidade da fatuidade oca.

E desanimado, peço a mim mesmo que caia nesse sono
onde possa auferir de uma paz longe do tumulto oco
que a escravidão do homem instaura nos limites cegos
das sociedades ocidentais perfeitamente destruídas
pela ausência de uma força que empurre para o futuro
o homem cansado de tanto delírio e de tanto trabalho.
Desaparecer, digo profeticamente, esconder-me no espelho
que faz do simulacro uma razão para se viver a morte
legada pelas leis obsoletas que o passado indecente
criou com tanto prazer para amarfanhar a inventividade
sempre renovada dos jovens onde o espírito é esperança.
Ou, num choque patético e trágico, perder a lucidez
e ficar embotado e jovial e prático como o sucesso
daqueles que fazem da ignorância e da estupidez
o estandarte banal de uma necessidade de glória
onde o preço é o dinheiro que dá conforto e prestígio.
Olho-me nas águas de um rio inexistente e ferido vejo
este homem carcomido pela loucura que não alcança
nem o infinito de um conhecimento total, nem o absoluto
como exigência espiritual, mas apenas as ruínas mornas
de uma ilusão que nasceu da esperança e do amor humano.
Olho-me e perplexo e bruxo deixo-me resvalar silencioso
para o sonho de mim num outro lugar mais propício,
alegram-se os olhos na contemplação de um paraíso
onde a harmonia dá o braço à fraternidade isenta
num mundo de alegria e de benevolência,
e choro, visualmente roto pelo sofrimento passado
que fez de mim um escarro nas mãos criminosas
do ocidente que persiste na sua doutrina da fome.
E só, sem uma única mão de mulher para me lamber
as lágrimas salgadas que o incesto tanto ignora,
penso lentamente na possibilidade de uma existência
sem entraves nem prisões, onde o prazer seria o pão,
o gozo e a fruição do espírito como do corpo novo
as bases do edifício capaz de proteger o homem
das intempéries que arrasam a solidez de tudo.
E pouco a pouco afugento o desânimo que ensopava
o coração ainda há pouco empestado de desilusão,
abro os olhos e os ouvidos na alegria de um achado
e berro como um voo icástico a minha presença
no mundo que quero construir com o meu sangue quente.
E aborreço o sono, tenazmente desperto para a viagem.

Acabado o dia regresso a casa por entre sóis melódicos
que descem suaves nas águas marítimas de um atlântico.
Venho cheio de nostalgia, sem saber como nem porquê,
mas uma impressão de ter já vivido num outro planeta
onde a vida não era exactamente a mesma de hoje e de aqui.
Feliz ao mesmo tempo por poder escrever que um sentimento
surgiu no vazio de mim aberto a todos os ventos anímicos.
Estou agora em casa e medito pausadamente no conflito
que me ligou outrora ao Tempo, e com um esforço da memória
tento vasculhar o sótão onde metade da minha existência
foi um simulacro para que a poesia seja feita de nada.
Sou o mesmo de esta manhã, vivi algumas mais horas,
saí e voltei, encontrei amigos casuais que não via há muito
e conversei patuscamente sobre a minha permanência na terra,
embora num outro lugar inacessível aos olhares de ontem.
E pleno desta súbita nostalgia que é o cerne deste poema,
vim escrever o que não sabendo admitia como inventado
pela minha imaginação tão pobre nestes dias desfeitos.

Repare o leitor nas palavras que emprego, dê uma vista
de olhos pelos poemas que antecedem este que agora escrevo,
que repara de essencial para que uma análise se justifique?
Sem dúvida apercebe-se que são sempre os mesmos delírios
mais ou menos verbais, irrupções da loucura que verbera
a razão como capacidade de atingirmos o seio da verdade.
É que, embora possa parecer mesquinho dizê-lo, a poesia de hoje
espera um acontecimento fulcral para que o salto qualitativo
seja dado com toda a consciência dos que empregam as palavras
com o fito efémero de fazer delas um monumento do sentido:
há uma revolução social que transformará o homem completamente
e de tal maneira que todas as artes serão novas e impensáveis
agora que afirmo o porquê desta estagnação em mim como na parte
do mundo intelectual que se diz na vanguarda da arte moderna.
Até lá, este pisar paulatino de um verbo que não desata
a abertura de um futuro nem enterra definitivamente o passado
de hábitos entranhados na consciência obscura dos homens.
Por isso transmito em páginas sem génio a mediocridade ligeira
de uma tentativa impossível de fugir à cegueira contemporânea
que teima em aprisionar o homem num colete de forças moral
para que tudo reste na mesma dentro dos limites da decência
que é uma palavra mágica esvaziada de conteúdo e de poesia.

Impossível descrever esta hora arrancada ao crepúsculo
com outras palavras que não sejam as devolutas
num estranho dicionário feito pela minha imaginação.
Sobretudo a luz que acaricia as fachadas das casas
e inebria o meu olhar cansado de tanta miséria,
esta atmosfera de uma paz que não queima mas cicia
as canções mais efémeras que o ouvido gosta de apreciar.
A casa está deserta de gente e no quarto virado para o poente
assisto como por milagre à visão de um fim do mundo sereno.
Queria morrer assim, quando tiver que regressar à terra,
suavemente declinando como este sol que me conhece
e respeita as leis estabelecidas da natureza periódica.
O enigma tece e perfaz a poesia que no dia a dia
crio como uma mãe que quer ver em roda os filhos sãos
saltitarem de alegria e de irresponsabilidade sentida.
Lês-me como um homem que se deita com a mulher amada
e num gesto tácito da mão lhe pede que ela se abra,
flor ou fruto a ser saboreado com o gosto do trágico.
Segues-me por entre meandros de um rio patético
que não implica existência mas apenas faculta a imaginação
para os grandes voos capazes de levarem a alarmante amargura,
trazendo como prémio a felicidade repleta de um momento.
Não saber escrever é o mais alto feito do homem
que quotidianamente inscreve o seu nome no livro perfeito
onde se registam os acontecimentos que traduzem sentido.
Há contudo esta transparência de ritmo no olhar perito
que lê as linhas sulcadas de palavras como barcos leves
sobre mares de esperança num oceano de prazer endémico.
Não só lúdico estremeço desse esgar onde o orgasmo
cliva o homem em dois percalços e duas visões sangrentas,
mas contentamento espiritual que se espalha na lucidez
iludida talvez por pensar ter atingido a realidade de fora.
O mundo é esta profusão de linhas de força que engravidam
a inteligência sensível aos sopros e aos espasmos anímicos,
é, no fundo, este poema escrito num circuito de esperança,
amálgama de sentidos que nada revelam dizendo tudo,
pois o mais importante para aquele que escreve é a obra
acabada depois do tumulto onde a dor e o sofrimento
tomaram uma parte decisiva ao lado da pura alegria aberta
que queima o passado pelo esquecimento e deseja novidade
como espaço do futuro que tarda continuamente em vir.

Cada dia traz-me no fluxo do tempo um novo cansaço,
uma luz que de espaço em perpétuo espaço irradia
uma certa alegria que sou incapaz de não sentir,
viver o nada custa como não encontrar um caminho
na floresta que é este quotidiano feito de nadas,
sombras e silhuetas e músicas e sofrimentos baços
que compõem a situação privilegiada da minha estadia.
Cada dia demora-se nas fibras do meu olhar ameno
que procura no exterior o mundo da esperança,
sonho que acalento como filosofia da vida,
capacidade de medir em mim o alcance do futuro
como uma sonda que reflecte a realidade do momento.
Ainda a manhã é cedo e já escrevo com meticulosa
precisão os signos do dia que não vi nascer,
escrevo toldado pela limpidez de um sol tredo
que me bate nos olhos e quer a todo o custo
penetrar no possível segredo que o homem que sou
infelizmente não possui nem tão-pouco deseja.
Amo mais do que esse verbo significa a transparência,
para que a leitura que possam fazer do meu sonho
se traduza com palavras breves e claras e simples.
Amo a possibilidade de escutar e sentir e ver
na música o meu destino de trás para a frente
e talvez vice versa, a tragédia romântica da forma
que toma agora a minha existência votada à perda
como sinal de uma loucura que quer atingir o ponto
limite onde a verdade é criação de uma certa época.
Possuído pelo súbito amor que corre nas minhas veias
descrevo com facilidade a minha propensão perigosa
para as fronteiras do indizível como chamar ardente
que me galvaniza os sentidos e me puxa para o fogo.
Tenho medo, é certo, de não poder voltar da viagem
encetada desde há muito, mas os meus passos levam-me
como um vento que ignora as consequências do sopro,
seja ele de natureza divina, isto é, inventada,
seja ele o gesto físico de uma carícia corporal.
Cada dia leva-me esta angústia de não saber dizer
o que me vive quando um pressentimento aflora
a consciência perdida na confusão dos delírios
que a realidade incendeia com arroubos de vozes.

Sinto esta fúlvida necessidade de pronunciar os verbos
que me ligam à terra carcomida pelos cadáveres de homens
que quiseram mudar o mundo com ideias e acções desumanas,
verbos de movimento no seio cansado de uma estática visão
onde o universo é redemoinho de estrelas e de desejos,
música silenciosa que desce sobre a minha cabeça aberta
pelo temor e pelo impulso que quer desfigurar o nascimento
com caretas do ridículo para que o futuro seja já outro.
Estou de pé e vejo, o coração vulgarmente palpitando,
o que se passa diante dos meus olhos, homens e mulheres
que vão e vêm e falam entre si numa manhã de uma cidade
visitada pela luz milagrosa de um sol que persiste na missão
quase louca de aquecer a terra protegendo-a do frio mortal.
E de tal maneira vejo, trespassando cada gesto e cada olhar,
que chego a não perceber a realidade no seu quotidiano,
como se tudo adquirisse um outro significado, ou ausência,
tornando-se a visão nova e esquisita e medonha na eclosão
de um outro mundo renascido das cinzas do velho sentimento.
Como quando se repete a mesma palavra, o mesmo gesto,
até que o som ou o movimento se percam no mecanismo,
inumana maneira de percorrer a insignificância de tudo.
É um momento de queda no delírio, já o real se insinua
com as mesmas cores e os mesmos hábitos percepcionados
pela sensibilidade que se deformou em contacto visceral
com a história do sentido no seio de uma comunidade fria.
Saio dessa experiência com a sincera impressão de ter assistido
a um salto epistemológico capaz de abrir a noção de real
que o homem moderno e ocidental possui, como se uma outra coisa
subsistisse debaixo deste material exterior onde a visão
se espraia e reconhece os limites da humanidade do conhecimento.
Volto para o interior onde tudo finalmente é justo e razoável
como a total liberdade de um desejo que procura o lar afável
para poder desabrochar todas as suas capacidades de acção,
no prélvio sexual como na imaginação arreitada pelo nevoeiro
de um incesto que não se percebe dentro dos quadros fixos
pela mentalidade exigida aos homens ferozes do ocidente.
Deste conúbio entre mim e o real nascem as palavras limpas
com que escrevo a minha loucura de homem perdido na civilização
que vigora com altos e baixos e movimentos da vontade lúcida
capaz de edificar no tempo do nada um monumento da estadia:
aqui, onde só o plaino assiste ao vazio do horizonte, vivi,
rodeado de ilusão e de esperança, no tumulto da vida moderna.

Pergunto em silêncio quem vou ser no futuro
que se avizinha a passos largos do meu destino
de proscrito rasgado pelo sonho de uma justiça
que me leva a dar os passos fecundos da desgraça.
Não é a angústia nem o desespero que imperam
nesta questionação, mas a serenidade fingida
que arquitecto no coração despojado de alma.
Que caminhos ainda a percorrer neste mundo
cheio de labirintos e de apelos que se perdem
na ilusão que me faz mover atrás de uma sombra
que signifique mais do que a outra face da moeda?
Há uma terceira via algures na imaginação humana
que não quer perecer diante do cataclismo fácil
de uma derrota sem brio nem brilho, a felicidade
desconhecida que irrompe nos interstícios vadios
da desolação moderna que empesta a comunidade.
Pergunto vígil e forte a mim mesmo o que quero
e pretendo fazer como acção e reflexão ágil,
tanto na prática quotidiana de uma vida simples,
como no pensamento que a realidade concita
com instigações capazes de descobertas essenciais.
Ainda não deixei de ler os livros que revelam
inteligência e espírito e alma nos domínios
que me são mais caros: a filosofia e a poesia.
Como um amante da primeira hora asseguro vivamente
a devoção profana pelo paroxismo da ideia
quando esta se encontra e se adequa com o real.
Também o sonho é um instrumento que me leva
à meta do impossível no indizível e no inefável,
tudo tem o seu lugar na plenitude repleta
da minha consciência desperta que devora o sentido
que se insurgue contra a ignorância e a facilidade.
Os dias correm velozes como apêndices perfeitos
do Tempo que tanto estigmatiza a minha presença,
no Espaço traço os círculos invisíveis do amor
que cerca a minha odisseia contada pelo homem
que sou, estranha ausência de um futuro que tarda.
Pergunto quem tenho sido e o que tenho feito
como um homem sedento de novidade e de absoluto
na procura constante de uma verdade que seja justa
na inclemência da época que é uma vida humana.

Eu que estou sempre presente neste turbilhão sedoso
arvoro a voz indecente de uma realidade acessível
ao olhar transparente daquele que vê a vida passar
como se fosse um estranho sonho impossível:
sou eu que escrevo este nítido poema do Nada,
sendo consciente da aposta que mantendo com o Tempo,
entidade nociva que arrasta a inteligência severa
para o poço negro de uma loucura onde brilha,
tal uma pedra esquecida, a riqueza do insentido.
Um verso segue outro verso e assim permaneço
tanto quanto durar a minha teimosia em desvendar
o segredo do tumulto da minha existência falhada.
Um sentido desprende-se da totalidade das palavras
para significar na simplicidade de uma palavra
toda a revolta de homem escravizado pelos homens
que não ultrapassam a condição de escravos isentos.
Um sentido timorato e perfeitamente abstracto,
soma de todos os sentimentos e impressões e aiores
que viveram em mim uma feira onde as vozes
gritavam obscenidades anímicas e profundezas banais.
No frontão do templo que jamais construirei
escrevo já, se for possível, as palavras ávidas
de um prazer e de um gozo que dignifiquem a vida
votada implicitamente desde o nascimento ao sacrifício.
São estas as palavras possíveis: Tudo e Nada.
Os passantes não demorarão um segundo sequer
para decifrar a brevidade de uma experiência
que só soube ditar tão reflectidas palavras ágeis
num monumento da irrisão e do metafísico esterco
que ensopa literalmente a visão apocalíptica
do mundo dividido entre um passado nobremente ferido
e um futuro que não surge a não ser em forma de arma.
Eu sou esse clamor que penetra as almas pobres
quando o sofrimento atinge o clímax do suportável
e a vingança nasce como um filho no peito cansado
que deseja morte e sangue como fim de um pesadelo,
e amor e música no começo alegre da nova cidade.
Por isso canto em versos guerreiros a vontade
visceral em personificar essa adesão total à hora
que vem toldada de desespero e de nívea esperança.

16/9/76

Sob o signo da alvorada escrevo esta frescura
que entra pela janela fictícia da minha casa,
molho-me no rocio que brilha sobre as ervas
que a noite cobriu de estrelas e de enigmas,
a terra palpitando por meu intermédio uma alma
que nada tem a ver com construções intelectuais,
mas com a imaginação simples de um sentimento
que quer surgir e esbarra contra os muros frios
de um mundo que teme a revelação da vida melhor.
Escrevo-te esta longa missiva para que me leias
depois de um dia de trabalho e de cansaço,
aqui vive, tal uma sarça ardente e profana,
a esperança numa humanidade liberta do jugo
que o capital lança sobre as cabeças imbecis
daqueles que fazem o jogo do senhor e do escravo,
afinal quase todos nós, conformados na preguiça
que não vence nem alcança o sonho de uma luz.
Estou mitologicamente consciente da minha força
quando digo na voz de verdadeiros poemas achados
quanto de felicidade me espera depois do salto
que tenho que dar para atingir esse ponto alto
da emancipação do homem, luta de todos os dias.
E pressinto, ainda bem fundo no meu coração,
uma ternura que eclodirá com as bandeiras
soltas ao vento de todos os quadrantes da terra,
no dia da total liberdade que clama batalhas,
esforço e responsabilidade à altura da dignidade
que o homem inventa para se elevar ao ser,
uma ternura que espalharei pelos homens e coisas,
pelas crianças que brincam ténues e sonhadoras,
pelas mulheres que amam com raiva e paixão
o abismo de uma queda transportada pelo prazer.
E agora que prevejo essa hora de um futuro
sinto um calor queimar-me o corpo de solidão,
uma vaga intempestiva derramando no espírito
uma alegria capaz de nomear a novidade ingente
que nasce das minhas entranhas fulgurantes
e deseja instaurar no universo uma imagem certa
deste ser que marcha para o incógnito porvir
com serenidade e conhecimento e sonho e vida.

Como eu quando ouço uma música que me entra pela alma
e significa talvez tudo o que mais amo nesta terra,
quero que leias com olhos serenos o fim deste poema
que te levou pela mão aos mais escondidos recantos
da inteligência contemporânea assim como ao pensamento
que nasce diariamente do espírito que sofre o vazio
de um mundo sem reais valores, isto é, adaptados à hora
que o homem vive nas sociedades diferentes do globo,
esquecido da sua alma como do seu corpo deformados
pela ideia que se faz da vida num mundo dito moderno.
Supõe que grito ou canto estas palavras tristes
de uma canção que te penetra até às entranhas quentes
onde tu sentes que vive o teu começo e o fim
se prepara paulatinamente para te visitar um dia,
quando menos esperares na tua cegueira quotidiana
que te afasta da reflexão e do calmo estudo anímico.
Lê-me minuto a minuto soletrando cada palavra
que num ritmo ainda imperceptível te arrasta
para a revelação de ti mesmo como criação actual
da tua sensibilidade e da tua inteligência.
Sou como um catalisador, favoreço a arte maior
que abre ao homem perspectivas de um entendimento
onde o coração visceral como o espírito invisível
têm um lugar importante e decisivo para a luta
que travamos contra o que de passado permanece
na casa devoluta pela paixão e pelo sacrifício.
Por isso lê-me levemente nos sentidos que despertei
quando sem saber escorreguei na loucura de um verbo
que foge ao domínio da vontade e instaura no silêncio
a sua fulgurante necessidade de novidade e de paz,
um verbo rebelde como os passos da juventude
sem idade definida mas constante em certos olhares
que não aceitam a podridão de um destino datado
e anelam por uma atmosfera de êxtase e realização
que não encontram no tédio improíbcuo de agora.
Como eu quando sinto que algo se passa em mim
de mais forte e exigente que a minha própria vida,
vive a leitura deste poema escrito de propósito
para afugentar o medo de um futuro desconhecido
que terá o rosto que criarmos no espelho da poesia.